



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
COLEGIADO DE LETRAS VERNÁCULAS

ANA CLAUDIA OLIVEIRA DOS SANTOS

AS PRETÔNICAS EM MINAS GERAIS: O CASO DO FALAR BAIANO

Salvador

2016

ANA CLAUDIA OLIVEIRA DOS SANTOS

AS PRETÔNICAS EM MINAS GERAIS: O CASO DO FALAR BAIANO

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.^a Me. Amanda dos Reis Silva

Salvador

2016

ANA CLAUDIA OLIVEIRA DOS SANTOS

AS PRETÔNICAS EM MINAS GERAIS: O CASO DO FALAR BAIANO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau em Bacharel em Letras Vernáculas, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Profa. Me. Amanda dos Reis da Silva (orientadora)
Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota
Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia - UFBA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me dando a oportunidade e a força necessária para começar e “finalizar” essa caminhada.

A minha mãe, meu porto seguro, que sempre esteve ao meu lado, me incentivando a estudar e a prosseguir, mesmo em meio aos obstáculos do dia-a-dia.

A Geremias, meu padrasto, por ter sido um pai em todos os momentos.

A meu esposo e companheiro Cleber Neves, pelo amor e apoio constante.

Aos familiares, irmãos, avós, tios e tias, por acreditarem em mim e pelo carinho.

À minha orientadora de Iniciação Científica, por quem tenho grande apreço, professora Jacyra Andrade Mota, por ter me orientado nos primeiros passos da pesquisa científica, pela dedicação infinda e, sobretudo, pelos ensinamentos.

À minha orientadora, professora Amanda dos Reis Silva, que, mesmo sendo nova em idade, mostrou-se muito grande em competência, conhecimento e em responsabilidade. Agradeço a você pela constante instrução e o apoio necessário. Muito obrigada!

Às professoras do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, Ana Regina, Marcela Paim, Silvana Ribeiro e Suzana Cardoso, por terem me auxiliado na minha trajetória acadêmica, através da suas experiências e constantes ensinamentos. A vocês meus sinceros agradecimentos!

Aos colegas de curso, especialmente, a Edna Soares, pela troca de experiência e ajuda mútua durante o curso de Letras Vernáculas e, sobretudo, pelas palavras amigas em fases difíceis.

Aos professores do curso de Letras, pelos constantes ensinamentos e incentivo ao estudo.

E a todos que contribuíram direta e indiretamente para a minha formação em Letras Vernáculas.

A todos vocês, agradeço do fundo do meu coração!

RESUMO

SANTOS, Ana Cláudia Oliveira. **As pretônicas em Minas Gerais: o caso do falar baiano**. 88 fl. 2016. Monografia (Graduação) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

A presente pesquisa monográfica versa sobre o fenômeno de variação das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores /E/ e /O/, na área do “falar baiano” – Minas Gerais, a partir do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Para tal estudo, analisaram-se os dados contidos em 24 inquéritos do referido projeto, concernentes às cidades mineiras de Janaúria, Janaúba, Montes Claros, Patos de Minas, Pedra Azul e Unaí. Os informantes são indivíduos naturais das localidades e foram estratificados por critérios de sexo e faixa etária. O estudo segue os pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia e da Sociolinguística Variacionista. Os dados foram submetidos à análise quantitativa, realizada com o auxílio do *Goldvarb 2001*, programa específico para tal fim. Os resultados fornecidos pelo programa mostraram, de forma geral, uma maior frequência da variante [e], em relação as vogais anteriores, e uma maior frequência da variante [ɔ], no que tange às vogais posteriores. A análise diatópica das cidades permitiu observar que há um comportamento intermediário entre as vogais médias pretônicas abertas e fechadas, na área do falar baiano - Minas Gerais, com exceção da cidade de Montes Claros, município mais divergente em relação aos demais, visto que nela se encontrou uma frequência maior da variante fechada, tanto na série das anteriores como das posteriores. A variável faixa etária revelou que as variantes fechadas [e, o] estão mais presentes na fala dos indivíduos mais novos na maioria das cidades pesquisadas, o que pode indicar uma possível mudança em curso, visto que os mais velhos ainda utilizam mais as variantes abertas [ɛ, ɔ]. A variável gênero evidenciou que as mulheres tendem a utilizar mais as variantes fechadas [e, o], do que os homens. Quanto às variáveis linguísticas, observou-se que são as vogais seguintes, tônicas ou não tônicas, de mesmo timbre e as vogais nasais que condicionam a abertura das vogais médias pretônicas. Em relação às consoantes, notou-se que a variante [ɛ] é favorecida diante de consoantes bilabiais, glotais e alveolares; e a variante [ɔ], diante das alveolares, bilabiais e velares. A pertinência e a relevância deste trabalho se fundamentam no fato de que tal fenômeno é um importante delimitador de áreas dialetais (NASCENTES, 1953). Além disso, tal estudo ampliará o conhecimento da realidade plural do português falado na área do “falar baiano”, em Minas Gerais.

Palavras-chave: Vogais médias pretônicas. Dialectologia. Sociolinguística. Falar baiano. Projeto ALiB.

ABSTRACT

SANTOS, Ana Claudia Oliveira. **The pretonics in Minas Gerais**: the case of “Bahia way of speaking”. 88 pages. 2016. Undergraduate Thesis (Undergraduate Course) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

The investigation developed in this work deals with the variation phenomenon of front and back pretonic mid vowels /E/ and /O/ in the area of "Bahia way of speaking" (Minas Gerais) based on the corpus from the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALIB). For this study, we analyzed the data on 24 inquiries from the project's files concerning six cities in Minas Gerais: Januária, Janaúba, Montes Claros, Patos de Minas, Pedra Azul e Unaí. The informants are from the mentioned cities and were stratified by gender and age criteria. The study follows the theoretical and methodological assumptions of Dialectology and Variationist Sociolinguistics. The data was submitted to a quantitative analysis performed with the help of *Goldvarb 2001*, a program used specifically for this purpose. Overall, the results showed a higher frequency of the variant [e] for front vowels, and a higher frequency of the variant [ɔ] in relation to the back vowels. The diatopical analysis of the cities allowed us to observe that there is an intermediate behavior between the open and closed pretonic mid vowels in the area of "Bahia way of speaking" (Minas Gerais), except for the city of Montes Claros, which diverges largely from the others cities, since we noticed a higher frequency of the closed variant, both in the series of front and back vowels, in that area. The age criterion revealed that the closed variants [e, o] are more present in young people's speech in most cities studied, which may indicate a possible change in course, since elderly people still use the open variants more often [ɛ, ɔ]. The gender variable showed that women tend to use more the closed variants [e, o] than men. As for the linguistic variables, we observed that the following vowels of same tone, stressed or not, and the nasal vowels are the ones which condition the opening of the pretonic mid vowels. Regarding consonants, we noticed that the variant [ɛ] is favored before bilabial, glottal and alveolar consonants; and the variant [ɔ], in its turn, is favored before the alveolar, bilabial and velar consonants. The relevance and importance of this work reside on the fact that this phenomenon is an important delimiter of dialectal areas (NASCENTES, 1953). Furthermore, this study will expand the knowledge on the plural reality of the Portuguese spoken in the area of "Bahia way of speaking", in Minas Gerais.

Key-words: Pretonic mid vowels. Dialectology. Sociolinguistics. Bahia way of speaking. AliB Project.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - História dos estudos dialetais no Brasil - Periodização	21
Figura 2 - Divisão dialetal de Júlio Ribeiro (1891)	26
Figura 3- Divisão dialetal de Maximino Maciel (1950)	28
Figura 4 - Divisão dialetal de Rodolfo Garcia (1915)	29
Figura 5 - Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922)	30
Figura 6 - Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)	31
Figura 7 - Minas Gerais - localidades estudadas e a distribuição por mesorregião	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Vogais pretônicas anteriores - dados da frequência geral	61
Gráfico 2 - Distribuição diatópica das variantes anteriores [e] e [ɛ], na área do falar baiano, em Minas Gerais – dados do Projeto ALiB	63
Gráfico 3 – Frequência geral de distribuição das vogais pretônicas posteriores, em áreas mineiras do Falar Baiano – dados do Projeto ALiB	73
Gráfico 4 - Distribuição diatópica das variantes posteriores na área do falar baiano em Minas Gerais – dados do Projeto ALiB.	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais contribuições dos dialetólogos pioneiros	22
Quadro 2 - Sistema vocálico do PB na posição tônica	36
Quadro 3 - Sistema vocálico do PB em Posição pretônica	36
Quadro 4 - Características sociais e geográficas das cidades – Minas Gerais	47
Quadro 5 - Dados da pesquisa de Campo na área estudada - Minas Gerais	48
Quadro 6 - Características dos informantes	49
Quadro 7 - Vocábulo obtidos através da aplicação do QFF, considerados na análise	52
Quadro 8 - Vocábulo obtidos através da aplicação do QSL, considerado na análise	54
Quadro 9 - Distribuição das variantes para a variável dependente	59
Quadro 10 - Distribuição das variantes para as variáveis sociais	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparação das realizações das vogais pretônicas anteriores em área do "falar baiano", em percentuais	62
Tabela 2 - Vogal média anterior [ε], segundo a variável diatopia, em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.	64
Tabela 3 - Vogal média anterior [ε] segundo a variável faixa etária, em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.	64
Tabela 4 - Vogal média anterior [ε]: cruzamento faixa etária versus diatopia, em Minas Gerais, na área do Falar Baiano - dados do Projeto ALiB.	65
Tabela 5 - Vogal média anterior [ε] segundo a variável gênero, em Minas Gerais, na área do Falar Baiano - dados do Projeto ALiB.	65
Tabela 6 - Vogal média anterior [ε] segundo a variável vogal acentuada seguinte, em áreas mineiras do Falar Baiano - dados do Projeto ALiB.	66
Tabela 7 - Vogal média anterior [ε] segundo a vogal seguinte, em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.	68
Tabela 8 - Vogal média anterior [ε] segundo a variável contexto consonântico precedente, em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.	69
Tabela 9 - Vogal média anterior [ε] segundo a variável contexto consonântico seguinte, em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.	71
Tabela 10 - Comparação das realizações das vogais pretônicas posteriores em áreas do "falar baiano", em percentuais	73
Tabela 11 - Vogal média posterior [ɔ] segundo a variável diatopia em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.	74
Tabela 12 - Vogal média posterior [ɔ] segundo a variável faixa etária em Minas Gerais, na área do Falar Baiano – dados do Projeto ALiB.	75
Tabela 13 - vogal média posterior [ɔ] segundo o cruzamento faixa etária versus diatopia, em Minas Gerais, na área do Falar Baiano - dados do Projeto ALiB.	75

Tabela 14 - Vogal média [ɔ] segundo a variável gênero, em Minas Gerais, na área do Falar Baiano- dados do Projeto ALiB	76
Tabela 15 - Vogal média posterior [ɔ] segundo a variável vogal acentuada seguinte, em Minas Gerais, na área do Falar Baiano – dados do Projeto ALiB.	76
Tabela 16 - Vogal média posterior [ɔ] segundo a variável vogal seguinte, em Minas Gerais, na área do Falar Baiano- dados do Projeto ALiB.	78
Tabela 17 - vogal média posterior [ɔ] segundo a variável contexto consonântico precedente em Minas Gerais, na área do Falar Baiano - dados do Projeto ALiB.	79
Tabela 18 - Vogal média posterior [ɔ] segundo a variável contexto consonântico seguinte em Minas Gerais, na área do Falar Baiano – dados do Projeto ALiB.	80

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ALS II	Atlas Linguístico de Sergipe II
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NURC	Projeto de Estudos da Norma Linguística Urbana Culta
QFF	Questionário Fonético- Fonológico
QSL	Questionário Semântico – Lexical
UFBA	Universidade Federal da Bahia
INQ.	Inquiridor
INF.	Informante
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	18
2.1.1	Conceitos básicos	18
2.1.2	Breve panorama dos estudos dialetais no Brasil	20
2.1.3	Propostas de divisão dialetal para os falares brasileiros	25
2.2	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E O ESTUDO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA A PARTIR DO CONTEXTO SOCIAL	31
2.2.1	O estudo da variação linguística: da Dialectologia à Sociolinguística	32
2.3	O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	33
2.4	O ESTUDO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PB: O CASO DO FALAR BAIANO	36
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
3.1	O PROCESSO DE ESCOLHA DA REDE DE PONTOS ALiB E AS LOCALIDADES EM ESTUDO	40
3.2	A PESQUISA DE CAMPO	46
3.3	OS INFORMANTES	48
3.4	OS QUESTIONÁRIOS	50
3.5	COLETA DOS DADOS E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO	56
3.6	AS VARIÁVEIS ESTUDADAS	57
3.6.1	A variável dependente	57
3.6.2	As variáveis independentes	58
4	ANÁLISE DOS DADOS	60
4.1	ANÁLISE DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS ANTERIORES (/E/) EM MINAS GERAIS, NA ÁREA DO FALAR BAIANO	60
4.1.1	Análise diatópica da variante [ɛ]	63

4.1.2	Análise das variáveis sociais	63
4.1.3	Análise das variáveis linguísticas	65
<u>4.1.3.1</u>	<u>O contexto vocálico seguinte: vogal acentuada</u>	65
<u>4.1.3.2</u>	<u>O contexto vocálico seguinte: vogal inacentuada</u>	67
<u>4.1.3.3</u>	<u>O contexto consonântico precedente</u>	68
<u>4.1.3.4</u>	<u>O contexto consonântico seguinte</u>	69
4.2	ANÁLISE DAS VOGAIS PRETÔNICAS POSTERIORES (/O/) EM MINAS GERAIS, NA ÁREA DO FALAR BAIANO	71
4.2.1	Análise diatópica da variante [ɔ]	73
4.2.2	Análise das variáveis sociais	74
4.2.3	Análise das variáveis linguísticas	75
<u>4.2.3.1</u>	<u>O contexto vocálico seguinte: vogal acentuada</u>	75
<u>4.2.3.2</u>	<u>O contexto vocálico seguinte: vogal inacentuada</u>	77
<u>4.2.3.3</u>	<u>O contexto consonântico precedente</u>	78
<u>4.2.3.4</u>	<u>O contexto consonântico seguinte</u>	79
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a língua, por ser um produto social, manifesta-se de diversas formas. Portanto, ela é heterogênea, múltipla e variável. Diante dessa realidade, torna-se necessário entendê-la como um fenômeno social, construída e desconstruída incessantemente pelos seus falantes. Os indivíduos que utilizam a língua são seres socialmente diversificados, que ocupam diferentes papéis na sociedade e vivem em contextos diferenciados.

Assim, numa mesma língua, encontram-se, por exemplo, pronúncias diferentes para o mesmo fonema. Esses diferentes “modos de falar” as formas de uma língua caracterizam o conceito de variação linguística, sendo que cada variedade de uma língua apresenta características diferenciadas. Pode-se, então, falar de variação diatópica – diferentes usos da língua em localidades distintas –; variação diafásica – diferentes modos de falar conforme a situação linguística e a variação diastrática – diferentes modos de falar conforme o estrato social do falante. Tem-se ainda a variação diageracional que designa as diversas manifestações de uma língua através dos tempos, a partir da observação dessa variação, em alguns casos, é possível averiguar casos de mudança.

O presente trabalho se propõe, prioritariamente, a estudar a variação diatópica, tomando como base a realização das vogais médias pretônicas /E/ e /O/, através do estudo sincrônico da língua falada em algumas cidades mineiras, a saber: Januária, Janaúba, Pedra Azul, Unai, Montes Claros e Patos de Minas. Tal fenômeno pode ser evidenciado em palavras como: [se]guro, [sɛ]guro, [si]guro; [to]mate, [tɔ]mate, [tu]mate. Neste estudo, no entanto, analisam-se apenas duas possibilidades de pronúncia das vogais pretônicas - a realização fechada [e] e [o] e a realização aberta [ɛ] e [ɔ], excluídos, assim, os casos de alteamento das vogais [i] e [u].

Para se alcançar o objetivo exposto acima, seguiram-se os arcabouços teóricos e metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e da Sociolinguística Variacionista. Para tanto, tomaram-se como *corpus* as respostas ao Questionário Fonético-Fonológico e ao Questionário Semântico Lexical, itens que compõem os questionários utilizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

A justificativa maior para a realização deste estudo monográfico se deu tendo em vista a importância do estudo das vogais médias pretônicas para o conhecimento das diferentes áreas dialetais existentes no território brasileiro. A variação fônica das vogais médias pretônicas /E/ e /O/ tem sido um dos fatos linguísticos mais salientes na

diferenciação das variedades do Português Brasileiro, no território nacional. Conforme Nascentes (1953), o território linguístico do Português no Brasil apresenta, nesse aspecto, uma divisão em duas grandes áreas: uma ao Norte, em que as vogais médias pretônicas tenderiam a ser abertas, e outra ao Sul, em que tenderiam a ser fechadas.

Para feitura deste trabalho, optou-se por estudar as localidades mineiras que fazem parte do *Falar Baiano*. O *Falar Baiano*, foco deste estudo, é caracterizado, segundo Nascentes (1953), como “intermediário entre os dois grupos” - Norte e Sul, abrangendo, nesta divisão:

[...] Sergipe, Baía, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos” [...] (NASCENTES, 1953, p. 25-26).

Desse modo, a pesquisa que deu origem a este estudo buscou responder à seguinte pergunta: de que forma se configura o panorama dialetal, atualmente, em relação ao uso das vogais médias pretônicas, na área denominada por Nascentes (1953) como *Falar Baiano* no Estado de Minas Gerais, a partir do *corpus* do ALiB?

Finalizando as considerações iniciais deste trabalho, explicitam-se, nos parágrafos que seguem, os conteúdos que serão tratados nos próximos capítulos.

O Capítulo 2 traz a fundamentação teórica que alicerçou este estudo. Nesse capítulo, expõe-se um panorama geral das teorias que fundamentam este trabalho, a Dialetoлогия e a Sociolinguística, trazendo alguns conceitos e pressupostos que fundamentam essas teorias como: dialeto e isoglossas; língua, variação e mudança. Tratam-se também dos primeiros estudos dialetológicos no Brasil até a elaboração do ALiB. Apresenta-se, também, a descrição do quadro vocálico do Português Brasileiro, a partir do modelo proposto pelo linguista Câmara Júnior (2009). Abordam-se, ainda, alguns trabalhos realizados sobre o comportamento das vogais médias pretônicas no Português Brasileiro. Por fim, este capítulo finalizará relatando a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953) para as regiões brasileiras, já brevemente explicada nesta introdução.

O terceiro capítulo é dedicado à metodologia empregada no trabalho. Apresenta-se a metodologia do ALiB, a constituição do *corpus* (as localidades estudadas, os informantes, os questionários adotados, a coleta e codificação dos dados), os critérios adotados para a coleta de dados e as variáveis em estudo.

No capítulo 4, é exposta a análise dos dados. De início, exhibe-se a descrição preliminar dos dados, trazendo os resultados gerais da frequência de uso das variantes

analisadas. Logo após, trataram-se das variáveis linguísticas e extralinguísticas e suas interferências na ocorrência de cada variante. Apresenta-se, também, a análise diatópica da variável em estudo nas cidades selecionadas para a pesquisa. Nesse capítulo, encontram-se, ainda, tabelas com os pesos relativos e valores percentuais, a partir dos dados quantitativos, obtidos por meio do programa *GoldVarb 2001*.

Na última parte do trabalho, apresentam-se as considerações finais a respeito do fenômeno abordado, trazendo algumas conclusões sobre o comportamento das vogais na área estudada e os resultados alcançados.

Por fim, apresentam-se as referências bibliográficas utilizadas no trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, são abordados os pressupostos teórico-metodológicos nos quais se baseiam esta monografia. Assim, trata-se da Dialectologia e de suas fases no Brasil, como também da Sociolinguística, destacando a questão da variação e da mudança linguística. Fala-se, também sobre as propostas de divisão dialetal para os falares brasileiros, enfatizando, de forma mais pontuada, o falar baiano. Por fim, abordar-se-á, sobre o sistema vocálico do Português Brasileiro com ênfase nas vogais médias pretônicas, trazendo alguns exemplos de pesquisa feitas sobre o fenômeno em estudo, considerando, em especial, a área do *Falar Baiano*.

2.1 A DIALETOLOGIA

2.1.1 Conceitos básicos

A Dialectologia surge no panorama linguístico no século XIX, embora, conforme Cardoso (2010), desde o final do século XVIII, já começavam a surgir trabalhos que iniciariam os caminhos por ela percorridos. De acordo com Ferreira e Cardoso (1994, p. 18), a Dialectologia é uma ciência da linguagem que “[...] tem interesse pelos dialetos regionais e rurais, sua distribuição e intercomparação, portanto não parece atitude parcial ou incoerente identificá-la como a linguística diatópica, horizontal.”.

Contudo, vale ressaltar que, mesmo considerando, prioritariamente, o estudo da variação da língua na perspectiva espacial, a Dialectologia abarca, também, em seus estudos os fatores históricos e socioculturais. Como se pode observar nas palavras de Rossi (1974, p. 3298), quando diz que a Dialectologia: “[...] se propõe a inventariar, sistematizar e interpretar as variantes de uma língua, ou de um grupo de língua definido por qualquer afinidade entre elas, com especial atenção à distribuição – espacial, cronológica, sociocultural etc. – dos traços linguísticos depreendidos”.

Para discorrer sobre a Dialectologia e sua proposta de estudo da linguagem, mais precisamente, é essencial retomar alguns conceitos básicos que dão base a essa disciplina, como as noções de *língua, dialeto, isoglossas e falares*.

Conforme Ferreira e Cardoso (1994, p.11), pode-se pensar a língua como “[...] um sistema de sinais acústicos orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade”, sendo “[...] resultado de um processo histórico, evolutivo”.

Ainda sobre o conceito de língua, percebe-se que a “[...] língua, no uso mais comum, é uma noção político-institucional. Corresponde a um sistema linguístico

abstrato que, por razões políticas, econômicas e sociais, adquiriu independência tanto funcional como psicológica para os seus falantes.”(FERREIRA et al, 1996, p.482).

O conceito de *dialeto* está intrinsecamente ligado ao de língua. Conforme Zágari (2005, p.48): “[...] considera-se *dialeto* de uma língua a variedade linguística de uma determinada área”. Pode-se, então, salientar que não existe diferenças, de valor linguístico, entre os conceitos de língua e dialeto, mas é algo determinado por fatores de ordem históricas, políticas, sociais, culturais. O que há é a diferença de estatuto, como apresenta Ferreira (1996):

Existem, sim, diferenças de estatuto: o dialeto é sempre uma variedade de um determinado sistema linguístico reconhecido oficialmente como língua. Geralmente considera-se dialeto de uma língua a variedade linguística que caracteriza uma determinada zona. Os dialetos têm pois um antecedente linguístico e um sistema comum. (FERREIRA et al., 1996, p. 482-483)

Assim, pode-se dizer que “[...] dialeto é um subsistema inserido nesse sistema abstrato que a própria língua”. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.12)

Ainda sobre o conceito de dialeto, Ferreira e Cardoso (1994, p. 16), definem dialeto como um feixe de isoglossas: “[...] um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras.”. Contudo, as autoras enfatizam que essa homogeneidade demonstra que não há limites entre as línguas, já que toda língua histórica abrange um conjunto de dialetos.

Segundo Chambers e Trudgill (1994), o termo *isoglossas* significa literalmente “igual língua” (iso + glossa). São linhas virtuais que servem para traçar os limites entre os dialetos.

Essas linhas virtuais apontam semelhanças ou contrastes linguísticos no espaço geográfico. No que se refere à natureza dos fatos linguísticos analisados, uma isoglossa pode ser denominada: lexical ou isoléxica; fônica ou isófono; morfológica ou isomorfa; semântica ou sintática.

Outra noção importante a considerar, diz respeito ao conceito de *falares*, visto que este estudo está relacionado ao *Falar Baiano*. O termo falares é considerado por alguns autores como sinônimo de dialeto, porém, há alguns autores que consideram o dialeto como um conjunto de falares.

De acordo com Zágari (2005), o termo falar é empregado para denominar as realizações linguísticas superficiais de uma pequena região ou agrupamento humano,

como - ritmo de fala, pronúncia característica ou escolha de um item lexical. Desse modo, busca-se no trabalho aqui apresentado, estudar o falar, que pode ser entendido como:

Línguas de pequenas regiões, através de um território linguístico dado, que se distinguem umas das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum. (CÂMARA JR., p. 151, 1968)

Em suma, pode-se dizer, que a Dialectologia é a ciência que tem como tarefa estudar os dialetos – subdivisões de uma mesma língua, que, por sua vez, são compostos por um conjunto de falares – entendidos, aqui, como peculiaridades linguísticas de uma pequena região (como ritmo de fala, pronúncias características e item lexicais específicos de uma determinada área linguística).

2.1.2. Breve panorama dos estudos dialetais no Brasil

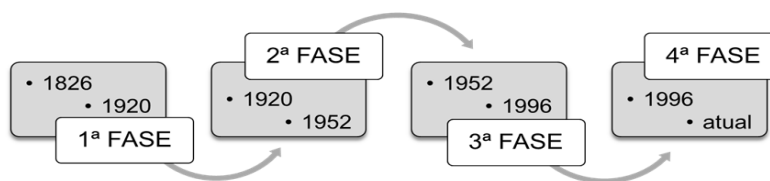
Busca-se, nesta seção, trazer um breve panorama dos estudos dialetais no Brasil, destacando suas fases e contribuições para o conhecimento da realidade linguística do Português Brasileiro (PB).

Pode-se dizer que os estudos dialetais no Brasil têm seu início em 1826, quando Domingos Borges de Barros (Visconde de Pedra Branca), a pedido do geógrafo Adrien Balbi, escreve à introdução do *Atlas ethnographique du globe*. Neste capítulo, o Visconde de Pedra Branca fez uma breve descrição do PB, mostrando algumas divergências, principalmente no nível lexical, entre o Português Brasileiro e o Português Europeu (PE).

Ao longo da história foram feitas três propostas para periodização dos estudos dialetais no Brasil. A primeira proposta foi feita por Nascentes (1952,1953), que propõe duas fases¹, a segunda proposta foi a de Ferreira e Cardoso (1994), que reformulam a proposta inicial de Nascentes e acrescentam uma terceira fase. E por fim, tem-se a proposta de Mota e Cardoso (2006), que inserem uma quarta fase. Assim, pode-se dividir a história dos estudos dialetais no Brasil em quatro fases, tal qual se pode observar na figura 01, elaborada por Ribeiro (2012, p. 56):

¹ Nascentes (1952,1953) admite duas fases. A primeira fase vai de 1826 a 1920, iniciando com a publicação do texto do Visconde de Pedra Branca até a publicação da obra *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. A segunda fase vai de 1920 até o momento de sua última proposta de divisão dialetal, em 1953.

Figura 1 - História dos estudos dialetais no Brasil - Periodização



Fonte: RIBEIRO (2012, p. 56)

A primeira fase, de 1826 a 1920, inicia-se com a publicação de Domingos Borges de Barros, na obra de Balbi, e se estende até a publicação da obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral. Os trabalhos produzidos nesse período eram direcionados para o estudo do léxico e as particularidades no Português do Brasil. Assim, os trabalhos produzidos foram dicionários, glossários e vocabulários.

A segunda fase, inicia-se em 1920 com a publicação de *O dialeto Caipira* de Amadeu de Amaral e termina em 1952, ano da publicação do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 – Lei Federal que implementa a criação da casa de Rui Barbosa e estabelecia como objetivo principal de sua Comissão de Filologia a elaboração de um Atlas linguístico para o Brasil.

Esta fase caracteriza-se pela produção de alguns estudos monográficos, e assim, como na fase anterior, ainda predominava os estudos em torno da lexicografia. Sobre essa fase, Ferreira e Cardoso (1994, p.39) mencionam que:

O conhecimento empírico da realidade linguística e a ausência de trabalhos de campo sistemáticos, que marcaram a produção da primeira fase, permanecem como traço da segunda fase ainda que já se experimente a observação direta à área a descrever-se e a preocupação com uma metodologia de abordagem voltada para o exame da realidade considerada nos seus diferentes aspectos.

Destacam-se, nesta fase, as publicações da obra *O dialeto Caipira* de Amadeu de Amaral (1920), *O Linguajar Carioca em 1922*, de Antenor Nascentes e *A Língua do Nordeste*, de Mário de Mario Marroquim (1934). Dentre essas obras, destaca-se, aqui, a de Nascentes, que através da observação do fenômeno de abertura e fechamento das vogais médias pretônicas e de questões pertinentes à entoação, propõe a demarcação de áreas dialetais no Brasil. Essa divisão será melhor descrita na seção seguinte “divisão dialetal para falar Brasileiro”.

Como dito, a terceira fase inicia-se em 1952 com a publicação do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952 e se finaliza com a retomada do projeto para elaboração de um

atlas linguístico nacional – o Projeto ALiB, em 1996. Sobre a terceira fase, Ferreira e Cardoso dizem que:

Caracteriza-se pela produção de trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática e é marcada pelo início das preocupações com o desenvolvimento e implementação dos estudos da geografia linguística do Brasil (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 44)

Desse modo, percebe-se que a terceira fase, distingue-se das fases anteriores, pois nela inicia-se o estudo sistemático da língua através do método da Dialectologia – a Geografia Linguística ou Geolinguística. Nesta fase, consoante Cardoso (2010, p. 46): “Firma-se, assim, a geografia linguística como método por excelência da dialectologia e vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços geográficos”.

Esse novo momento para Dialectologia, o início dos estudos da Geografia Linguística no Brasil, foi possível graças ao empenho de alguns dialectólogos pioneiros como: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Destacam-se, no quadro a seguir, as contribuições feitas por esses dialectólogos pioneiros, nessa terceira fase.

Quadro 1 – Principais contribuições dos dialectólogos pioneiros

Dialectólogos Pioneiros	Contribuições
Antenor Nascentes	Publica em 1958 o primeiro volume das <i>Bases para a Elaboração do Atlas linguístico do Brasil</i> , e, em 1961, o segundo volume. Nessas obras, Nascentes, como o próprio título já sugere, lança as bases para a constituição do atlas linguístico do Brasil.
Serafim da Silva Neto	Publica em 1957 o <i>Guia para Estudos Dialectológicos</i> . O referido autor, sempre focou na necessidade de se estudar com urgência os falares brasileiros, dando assim, algumas tarefas, que segundo ele, eram fundamentais para a concretização dos estudos dialetais no Brasil. Sendo, portanto, um dos grandes incentivadores para elaboração de atlas linguísticos que trouxessem a diversidade linguística Brasileira.
Celso Cunha	Destaca-se por ser um dos grandes estudiosos que se dedicaram a estudar a língua portuguesa do Brasil. Também

	reafirmou a necessidade de empreender-se a elaboração do atlas linguístico do Brasil
Nelson Rossi	Publica o primeiro atlas do Brasil - <i>Atlas Prévio dos Falares baianos - APFB</i> (1963) e coordena a equipe de Dialetologia da Universidade Federal da Bahia. É de sua responsabilidade, também, o Atlas Linguístico de Sergipe. Foi responsável pela fundação do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (Projeto NURC).

A partir do que se observa do exposto no Quadro 1, destaca-se que Nelson Rossi se sobressai por ser um dos pioneiros na aplicação da Geolinguística no Brasil. O autor criou grupos de pesquisa na área de Dialetologia durante a segunda metade dos anos 50, no século XX, na Universidade Federal da Bahia – UFBA. Foi responsável por coordenar e publicar o primeiro trabalho em Geografia Linguística feito no Brasil – o *Atlas Prévio dos Falares baianos – APFB* (1963). Além do APFB, Nelson Rossi e sua equipe de pesquisa, também elaboraram o *Atlas Linguístico de Sergipe ALS* (ROSSI, 1987), dando, assim, continuidade ao trabalho começado na Bahia, por meio do APFB. Sobre a escolha do Estado de Sergipe para dar continuidade ao trabalho realizado na Bahia, Cardoso (2010, p.154) declara que:

[...] a escolha do Estado de Sergipe para dar prosseguimento ao trabalho feito na Bahia deve-se à continuidade geográfica, à maior facilidade de acesso, pois foi realizado pela mesma equipe de pesquisadores do *APFB*, e ao fato de estar incluído na área do “falar baiano”, segundo a divisão de Nascentes (1953).

A elaboração do APFB e do ALS seguiram a mesma orientação, no entanto o ALS apresentou alguns avanços metodológicos importantes, que não foram aplicados no APFB, tais como: aplicação de inquéritos preliminares, gravados, em todas as localidades da rede pontos; maior amplitude do questionário definitivo em relação ao aplicado na Bahia; formulação por escrito, no próprio questionário, da maneira de perguntar sobre o item, com o objetivo de garantir maior homogeneidade nos inquéritos; inclusão, em cada ponto, de informações dos dois gêneros (CARDOSO, 2010, p. 154).

No ano 2005, o Estado de Sergipe ganha outro atlas – o *Atlas Linguístico de Sergipe II*. O referido atlas inicialmente foi apresentado como tese de doutoramento de Suzana Cardoso (2002). No ALS II é retomado o campo semântico “homem” do *Atlas Linguístico de Sergipe* (1987), tratando temas como corpo humano, doenças, crenças, atividades, alimentação etc.

O segundo atlas regional publicado no país, em termo de data de publicação, foi o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) (RIBEIRO, 1977), produzido pelos professores e pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG): José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio. O EALMG foi inicialmente pensado em quatro volumes, contudo conta apenas com a publicação do primeiro volume. Esse primeiro volume é composto por 116 localidades, 83 informantes, de idade entre 30 a 40 anos, homens e mulheres, de grau de instrução, preferencialmente, analfabetos. No EALMG, encontram-se cartas lexicais e fonéticas.

Esses três atlas (APFB, ALS I e II e EALMG), em especial, foram importantes para o estudo do “falar baiano”, foco desta pesquisa monográfica, pois trouxeram significativas contribuições para o conhecimento dessa área.

Além desses, outros trabalhos (teses e dissertações) e atlas regionais e estaduais foram publicados no país com objetivo de estudar a realidade linguística do Brasil, isso é, dar conta da diversidade linguística da nação Brasileira, visto que, algumas dificuldades como: a extensão territorial do país, as difíceis vias de comunicações e de transportes e a situação socioeconômica do Brasil, no meado do século XX, postergaram a elaboração do atlas nacional. No entanto, os estudos feitos através dos atlas regionais e estaduais foram essenciais para que se chegasse, em 1996, à elaboração de um projeto nacional.

Sobre a confecção desses atlas (regionais e estaduais) e sua importância para o início da pesquisa dialetológica no país, Callou (2010, p.32) expõe que:

Pode-se afirmar que o *Atlas prévios dos Falares Baianos* de Rossi et alii (1963) marca o início da pesquisa dialetológica, propriamente dita, resultante da pesquisa de campo. É o primeiro trabalho que emprega de forma sistemática uma metodologia científica e a ele se seguiram outros: *O Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, *Atlas Linguístico do Sergipe I -*, mais recentemente, o *II -*, *Atlas Linguístico da Paraíba*, o *Atlas linguístico do Paraná*, para citar apenas alguns.

A quarta fase caracteriza-se pela retomada do projeto de elaboração de um atlas nacional do Brasil – o ALiB, almejado em 1952. Tal projeto foi retomado ao cenário da Dialetologia brasileira em 1996, no seminário “Caminhos e perspectivas para Geolinguística no Brasil”. Nesse mesmo ano foi criado um Comitê Nacional para coordenar o projeto, composto por professores e autores que participaram da elaboração dos atlas regionais.²

² Inicialmente, o Comitê Nacional era formado pelos autores de atlas linguísticos publicados – Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (presidente), Jacyra Andrade Mota (diretora-executiva), ambas da UFBA; Maria do Socorro Silva de Aragão, UFPB /UFC; Mario Roberto Zágari, UFJF; Vanderci de Andrade Aguilera, UEL, - e de um representante de atlas em andamento, Walter Koch, UFRGS. Atualmente, o Comitê Nacional é constituído pelos seguintes membros: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso

Desse modo, o Projeto ALiB se estabelece como um projeto de cunho nacional, por conta de sua abrangência e distribuição geográfica. O referido projeto tem como principal objetivo fazer um mapeamento da diversidade linguística no país, no que tange à língua portuguesa, nos diversos níveis de análise da língua (fônico, morfossintático, léxico-semântico e prosódico), enfocando, principalmente, as diferenças diatópicas.

Em relação à metodologia, o Projeto ALiB se insere na Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, que contempla, além da dimensão diatópica, outras dimensões como a diastrática, diagenérica e diageracional. Assim, para abarcar essas variações, foram selecionados informantes dos dois sexos (homens e mulheres), divididos duas faixas etárias (a primeira de 18 a 30 anos e a segunda de 50 a 65 anos), em dois graus de escolaridades (fundamental e superior completo). Nas localidades interioranas, apenas foram inquiridos informantes do nível fundamental.

A rede de pontos do Projeto abrange 250 localidades que estão espalhadas por todo território nacional, incluindo assim, as cinco regiões brasileiras. Para escolha das localidades foram considerados aspectos como: densidade demográfica dos Estados, aspectos gerais da história, da cultura e do povoamento das cidades. Além desses critérios, buscou-se também anexar os pontos sugeridos por Nascentes (1958, 1961).

Sobre a importância do projeto ALiB, para os estudos dialetais no Brasil e sua contribuição para estudo da língua, Cardoso (2010, p.169) afirma que:

A implantação e o desenvolvimento do projeto ALiB se constitui, assim, em substancial contribuição para o entendimento da língua e de suas variantes, eliminando visões distorcidas que privilegiam uma variante tida como culta e estigmatizam as demais variantes, causando, desse modo, ao ensino e aprendizagem da língua materna consideráveis prejuízos.

Assim, pode-se salientar que o estudo sobre as normas linguísticas das diferentes regiões do Brasil, realizado pelo o ALiB, contribuirá não só para eliminar conceitos distorcidos sobre uma ou outra variante, como também, para o ensino apropriado da língua portuguesa, dentro da realidade linguística de cada região geográfica.

2.1.3 Propostas de divisão dialetal para os falares brasileiros

Desde o início dos estudos dialetais no Brasil, já havia o desejo, por parte dos dialetólogos, de fazer uma divisão dialetal do nosso país em áreas dialetais com base em dados *in loco*.

(presidente), Jacyra Andrade Mota (diretora-executiva) e os diretores científicos - Vanderci de Andrade Aguilera, Maria do Socorro Silva de Aragão, Aparecida Negri Isquerdo, Abdelhak Razky e Felício Wessling Margotti.

Nascentes (1953), revisando sua obra de 1922, *O linguajar Carioca*, apresentou a primeira proposta (com base linguística) de divisão dialetal para os falares brasileiros, a partir de suas experiências de viagens e estudos pelo Brasil.

Sobre a importância dessa divisão de Nascentes (1953), Cardoso (2010) afirma que: “[...] essa divisão, primeira a ser proposta em base estritamente linguística, é a única de que, até o presente, dispomos.”. A autora, ainda argumenta que, “[...] a ausência de dados descritivos e em nível nacional sobre o português do Brasil impossibilita testar, com base em dados atuais, os limites que estabelece”. Pois, conforme a autora, os atlas regionais publicados até aquele momento, não davam conta de examinar os dialetos de todo o território do Brasil. Isso só seria possível com o atlas linguístico do Brasil.

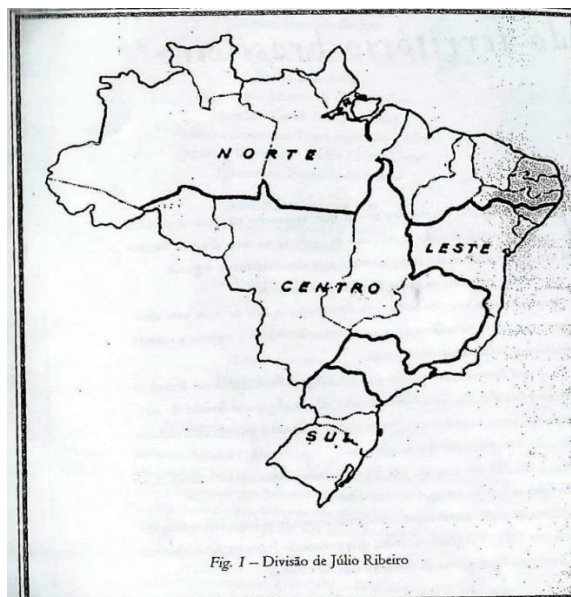
Antes de sugerir sua proposta de divisão para os falares brasileiros, Nascentes em artigo publicado na Revista Brasileira de Geografia (NASCENTES, 1955; BARBADINHO NETO, 2003), traz as propostas de divisão dialetal para os falares brasileiros anteriores a sua de 1953, abordando as peculiaridades de cada uma delas.

A primeira apresentada é a de Júlio Ribeiro (1891) (Figura 2). Essa divisão consta na *Introdução à História da literatura Portuguesa de Mendes dos Remédios* e se caracteriza por ser baseada em critérios geográficos. Essa proposta divide o Brasil em quatro áreas: norte (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco); Leste: (Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo); Centro: (Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso) e Sul: (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Conforme Nascentes (1955, p.214), essa divisão apresenta os seguintes problemas:

[...] junta o Norte e o Nordeste, que é diferente dele; Separa Alagoas dos demais estados do Nordeste; coloca o Espírito Santo e o Rio de Janeiro junto da Bahia, tão diferente esta; Coloca São Paulo, tão caracteristicamente sulino, junto de Alagoas (!), junto com Sergipe e Bahia e junto do Espírito Santo e Rio de Janeiro; Coloca Minas (sem discriminar) junto de Goiás e Mato Grosso; no sul, só há que objetar a falta de São Paulo. Como se vê, toda ela imperfeita.

Figura 2 - Divisão dialetal de Júlio Ribeiro (1891)



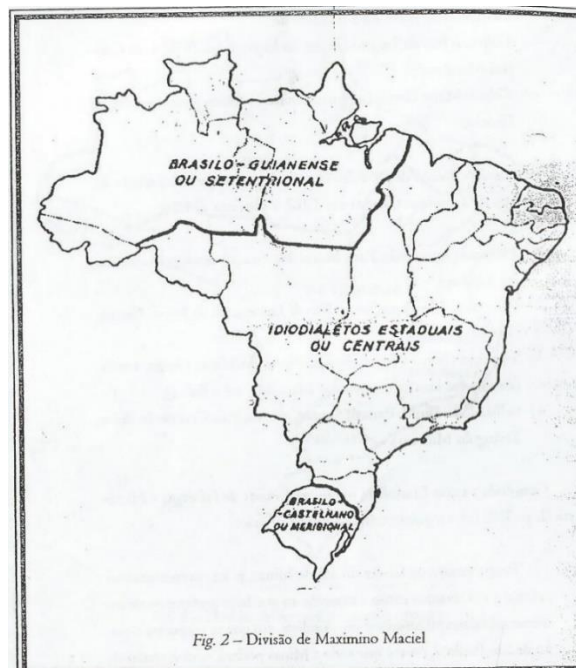
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 692)

A segunda proposta de divisão apresentada por Nascentes é a de Maximino Maciel (1950) (Figura 3), essa divisão foi publicada em artigo de Silva Neto³, dividida em três áreas: 1) basilo-guianense ou setentrional; 2) idiodialetos estaduais ou centrais e 3) basilo-castelhano ou meridional. De acordo com Nascentes, essa proposta apresenta os seguintes problemas:

Além do defeito do critério geográfico exclusivo, essa divisão conta com outros: a língua da chamada Guiana Brasileira se estende à margem direita do Amazonas; que serão idiodialetos?; a influência do castelhano platino na língua da fronteira com o Uruguai e com a República Argentina não vai a ponto de dominar o nosso subfalar do extremo sul. (NASCENTES, 1955, p. 215).

³ Segundo Nascentes: “v. artigo de Serafim da Silva Neto em A Manhã de 17 de janeiro de 1950”. (BARBADINHO NETO, p. 691, 2003)

Figura 3- Divisão dialetal de Maximino Maciel (1950)



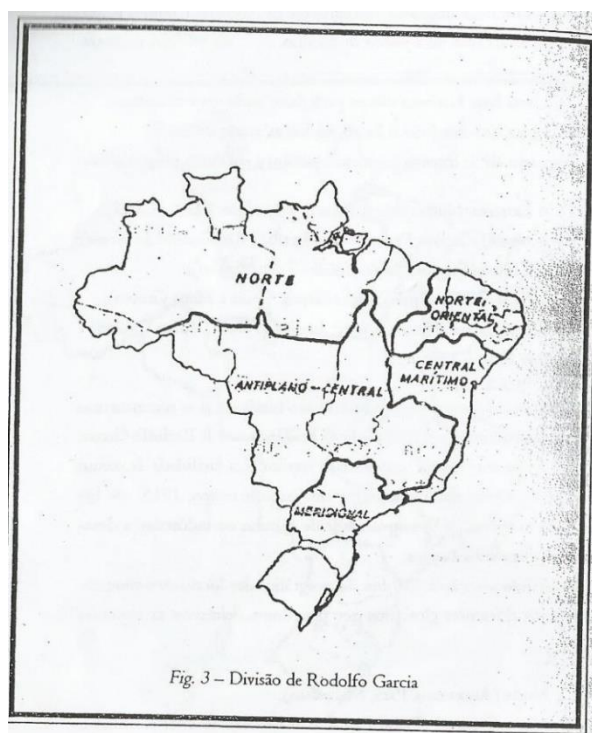
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 694).

A terceira, e última anterior a de Nascentes 1922, é a proposta de Rodolfo Garcia (Figura 4), publicada no *Dicionário de Brasileirismos*. Conforme Nascentes, essa proposta é mais aceitável, pois agrega o critério geográfico ao histórico, considerando assim, em sua proposta, a continuidade territorial, a facilidade de comunicações terrestres, marítima e fluviais, a homogeneidade de culturais ou indústrias, a dosagem dos elementos étnicos.

A proposta de Rodolfo Garcia é organizada em cinco zonas: i) Norte (Amazonas, Pará, Maranhão); ii) Norte-Oriental (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas); iii) Central-Marítima (Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro); iv) Meridional (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) e v) Altiplana-Central (Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso). Em relação aos pontos negativos, Nascentes ressalta que:

Há os seguintes defeitos nesta divisão: Coloca o Maranhão na zona Norte, quando êle é uma espécie de intermediário entre ela e o Nordeste; Coloca o Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na zona Central-marítima; Coloca Minas Gerais (sem discriminar) e Goiás junto com Mato Grosso. (NASCENTES, 1955, p. 216).

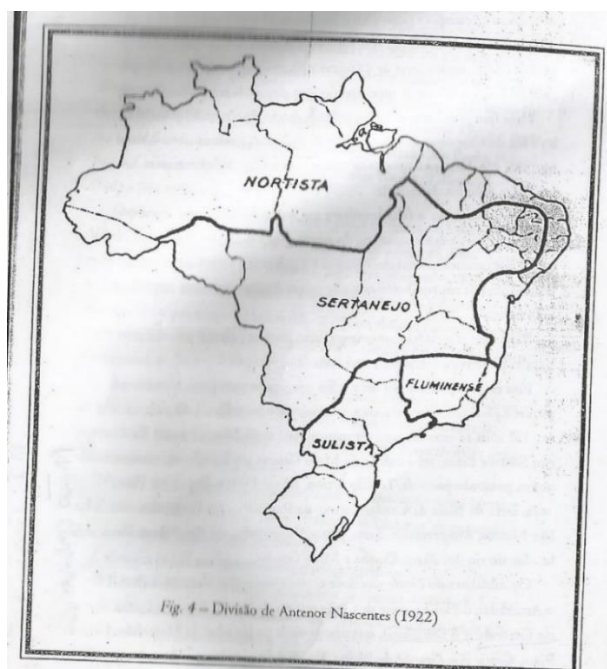
Figura 4 - Divisão dialetal de Rodolfo Garcia (1915)



Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 696)

Em 1922, Nascentes altera a divisão de Rodolfo Garcia e propõe sua primeira divisão, na edição da obra *O linguajar Carioca de 1922* (Figura 05). Essa primeira divisão era dividida da seguinte maneira: 1) Nortista (Amazonas, Pará, litoral dos Estados desde o Maranhão até a Bahia), 2) Fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas Gerais, Distrito Federal); 3) Sertanejo (Mato Grosso, Goiás, Norte de Minas Gerais, Sertão dos estados litorâneos, desde o Maranhão até a Bahia); 4) Sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro).

Figura 5 - Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922)



Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 698)

Essa divisão foi alterada por Nascentes, que reconheceu “às justas ponderações de Lindolfo Gomes”, na *Revista de Filologia da História II*, p. 390. Nascentes, segundo suas próprias palavras, reconheceu que quando fez a divisão de 1922, não tinha o conhecimento linguístico de todo o Brasil, só havia percorrido uma pequena parte do nosso território.

Nascentes apresenta uma “nova proposta”, em 1933, alterando a proposta inicial de 1922, depois de percorrer o Brasil e conhecer particularidades linguísticas de cada região do país. Como se pode notar em suas palavras:

Hoje que já realizamos nosso ardente desejo de percorrer o Brasil de lés a lés, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá, fizemos nova divisão que não consideramos nem pudéramos considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. (NASCENTES, 1955, p. 217)

Figura 6 - Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)



Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700)

Nessa proposta, Nascentes divide o Brasil em dois grupos – Norte e Sul, subdivididos em seis subfalares: os subfalares do Norte são Amazônico e Nordestino, e os do Sul, Baiano, Fluminense, Mineiro e o Sulista. Além desses, Nascentes, acrescenta uma área definida como território incharacterístico (região localizada entre a fronteira do Mato Grosso com o Pará e o Amazonas).

De acordo com o autor, o que caracteriza estes dois grupos é a existência de vogais médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ], em relação aos falares do Norte, e pela existência de vogais médias fechadas [e] e [o], em relação aos falares do Sul. Assim, de acordo com a proposta de Nascentes (1953), o Estado de Minas Gerais apresentaria quatro regiões dialetais pertencentes ao grupo do Sul: baiana, mineira, fluminense e sulista.

O *Falar Baiano*, foco desta pesquisa, é caracterizado segundo Nascentes (1953), como “intermediário entre os dois grupos” (o do Norte e o do Sul), abrangendo, nesta divisão, “[...] Sergipe, Baía, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javalis, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrepêditos” [...]” (NASCENTES, 1953, p. 25-26).

Cardoso (1986), no artigo intitulado *Tinha Nascentes razão?* analisou a divisão dialetal sugerida por Nascentes (1953), no que se refere à área do *Falar Baiano*, tomando como base os dados de dois atlas linguísticos publicados: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (ROSSI, 1963) e o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* –

EALMG (RIBEIRO et al, 1977). De acordo com autora, a resposta da pergunta do título do artigo é positiva, já que foi possível confirmar a delimitação do *Falar Baiano* a partir dos dados analisados.

A partir das considerações descritas acima, vale salientar que, a pesquisa aqui desenvolvida buscou também investigar a área denominada por Nascentes como *Falar Baiano*, no estado de Minas Gerais, tomando como ponto de partida o fenômeno linguístico utilizado por ele para dividir o Brasil em áreas dialetais – as vogais médias pretônicas.

2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E O ESTUDO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA A PARTIR DO CONTEXTO SOCIAL

A sociolinguística é um dos ramos da linguística moderna, que se preocupa em estudar a língua, observando situações reais de uso da língua dentro de uma comunidade de fala, atentando para um tipo de investigação que une aspectos linguísticos e sociais.

A Sociolinguística desenvolveu-se como ciência nos Estados Unidos nos anos 1960. William Labov foi o responsável por lançar as bases metodológicas da pesquisa Variacionista, através de importantes trabalhos sobre a língua inglesa como: a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard (1963) e a Estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York (1966). Esses estudos foram fundamentais para demonstrar a influência dos fatores sociais na explicação do processo de variação e mudança linguística.

Diferentemente do modelo estruturalista, que enxerga a língua como um sistema unitário, homogêneo, constituída por unidades invariáveis, esse ramo da linguística vê a língua como um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis.

A variação e mudança passam a ser vistas como inerentes à língua, desse modo, “[...] a estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que coordenam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas”. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.125).

Diante dessas concepções, pode-se salientar que, embora a língua seja um sistema heterogêneo e variável, ela atua de forma ordenada, sendo passível de descrição e análise sistemática. Assim, conforme os moldes da Sociolinguística, deve-se estudar a variação da língua como um fenômeno estruturado e organizado, condicionada por fatores não apenas linguístico, mas também extralinguísticos. Desse modo, a língua deve ser pensada como um sistema que possibilita a expressão de uma mesma substância de diferentes

maneiras, através de regras variadas, porém lógicas e coerentes, dando aos falantes todos os recursos necessários para sua plena interação.

Assim, a teoria variacionista se propõe a estudar a variabilidade linguística e tem como objetivo descrever os processos de variação e de mudança da língua, levando em consideração fatores de ordem estrutural (variáveis internas) e sociais (variáveis externas), que atuam para favorecer ou restringir a variação linguística. E, como afirma Mollica (2010, p.11), cabe à sociolinguística “[...] investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que tem efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e sistemático”.

A variação linguística, conforme os parâmetros da sociolinguística, acontece quando mais de uma forma linguística duelam entre si, num dado momento, numa determinada língua. A essas diferentes formas de falar, dá-se o nome de variantes. Segundo Tarallo (2007, p.8), “[...] variantes linguísticas, são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”.

Contudo, é relevante lembrar, que nem toda variação existente na língua resultará num processo de mudança, no entanto toda mudança pressupõe um estado de variabilidade e heterogeneidade anterior, conforme postularam Weinreich, Labov e Herzog (2006, [1968]).

2.2.1 O estudo da variação linguística: da Dialectologia à Sociolinguística

O interesse pelo estudo sistemático da realidade linguística do PB iniciou-se com o advento da Dialectologia no século XIX, contudo, ganhou mais expressividade com o surgimento da Sociolinguística Variacionista, nos anos de 1960, visto que, aspectos de ordem social, tais como idade, sexo, gênero, escolaridade e profissão, passaram a ser abordados com mais ênfase e de forma mais ordenada.

Além disso, pode-se dizer que, a metodologia mais definida e mais rigorosa da Sociolinguística, “[...] fornece ao pesquisador ferramentas para estabelecer variáveis, para coleta de dados, bem como instrumentos computacionais para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar” (CEZARIO; VOTRE, 2009, p.141- 142).

Sobre as interfaces entre a Dialectologia e Sociolinguística, Silva-Corvalán (1988, p. 15) afirma que:

[...] la dialectología y la sociolingüística comparten algunos intereses básicos. Aún más, la sociolingüística se ha construído sobre algunos pilares teóricos y empíricos de la dialectología. Por otra parte, la dialectología se podría

beneficiar incorporando algunos de los principios y técnicas propios de la sociolingüística [...].⁴

Apesar da Dialetoлогия e Sociolingüística compartilharem alguns interesses básicos e serem consideradas até certo ponto, “ciências sinônimas”, pois, ambas as disciplinas se voltam para a língua em seu uso concreto, elas se diferenciam, pois dão enfoques diferenciados para o estudo da variação. Como argumenta Cardoso (2010, p.26):

A dialetoлогия, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento de dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolingüística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos lingüísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolingüísticas.

No entanto, apesar da Dialetoлогия e da Sociolingüística terem enfoques diferenciados, elas não se opõem, ao contrário, complementam-se. As concepções dessas duas “ciências da variação” contribuíram para o surgimento de alguns projetos lingüísticos que se desenvolveram no Brasil a partir da década 70, como, por exemplo, o Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (projeto NURC)⁵ e o Projeto ALiB. Ambos os projetos se valem dos enfoques dialetológico e sociolingüístico.

Diante das considerações feitas acima, a presente pesquisa, buscou conciliar as duas vertentes - Dialetoлогия e Sociolingüística. Pois, tratou da língua dentro do espaço geográfico com apoio do método da Dialetoлогия - a Geolingüística, como também unirá os fatores lingüísticos aos fatores sociais, de forma sistemática, como faz a Sociolingüística. Além disso, esse estudo, vale-se da metodologia quantitativa da Sociolingüística, o que permite fornecer uma análise quantitativa, como qualitativa dos dados.

2.3 O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Sabe-se que todas as línguas naturais possuem consoantes e vogais. Articulatoriamente, os sons vocálicos são produzidos quando o ar passa de forma livre no trato vocal, ou seja, não há obstrução ou fricção durante a passagem do ar. Por outro lado, durante a realização dos sons consonantais, há um fechamento ou uma obstrução na passagem da corrente de ar, por isso as consoantes são classificadas pelo lugar ou zona

⁴ “[...] a Dialetoлогия e a Sociolingüística compartilham alguns interesses básicos. Além disso, a Sociolingüística foi construída sobre alguns fundamentos teóricos e empíricos da Dialetoлогия. Por outro lado, a Dialetoлогия poderia se beneficiar através da incorporação de alguns dos princípios e técnicas da Sociolingüística [...]”. (Tradução nossa).

⁵ O projeto NURC surge no Brasil a partir da nova orientação dos estudos dialetológicos para os países conhecidos como “Novo Mundo” e da concepção de uma Dialetoлогия urbana e da Sociolingüística. O projeto teve como objetivo o estudo da norma lingüística culta, definida como a norma dos indivíduos com nível superior, de cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro e Recife).

de obstrução do ar ou pelo modo como o ar é obstruído. Já no caso das vogais, por não existir a obstrução do ar, elas são classificadas, tomando por base os movimentos da língua e dos lábios que modificam o trato oral, produzindo timbres diferentes para os sons vocálicos.

No latim clássico, o sistema vocálico era composto por cinco vogais, que se diferenciavam em termos de qualidade e quantidade, ou seja, entre breves e longas, o que resultava em um quadro de 10 unidades distintivas - /ā:/ /ǎ/ /ē:/ /ě/ /ī:/ /ĩ/ /ō:/ /õ/ /ū:/ /ũ/, que poderiam ocorrer em diferentes contextos (tônico, pretônico ou postônico). No latim vulgar, esse quadro de 10 vogais foi reduzido para 7 vogais.

Sobre a evolução do sistema vocálico (do latim ao português), Câmara Júnior, linguista responsável pela primeira descrição sincrônica completa das vogais do Português Brasileiro, esclarece que:

No quadro tônico, as dez vogais latinas evoluíram para um quadro triangular de sete vogais: houve confluências e diferenciações que modificaram todo o sistema de oposições latinas. O dado novo foi o aparecimento de dois graus de elevação da língua em posição intermediária entre a posição baixa (/a/) e a alta (/i/, /u/). Com isso se criou uma posição uma oposição distintiva entre um /e/ ou /o/ abertos, com pouca elevação da língua, e um /e/ ou /o/ fechados, com maior elevação da língua. O grau médio aberto resultou de /e/ ou /o/ breves, respectivamente; o grau médio fechado foi a confluência das vogais médias longas e das altas breves, assim só /i/ e /u/ longos, perdendo a sua quantidade distintiva, continuaram como vogais altas. (CÂMARA JÚNIOR, 1979, p.42).

Sendo assim, percebe-se que o sistema vocálico passou por modificações desde a passagem do latim clássico para o latim vulgar, o que ocasionou o sistema de vogais atual, presente no Português Brasileiro.

Em relação ao sistema vocálico do PB, Mattoso Câmara Junior aponta que, “[...] a realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas na escrita”. Pois o que se observa na língua falada são “[...] sete fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones” (CÂMARA JÚNIOR, 2009, p. 39).

Ainda de acordo com autor, “a classificações das vogais como fonemas tem de partir da posição tônica. Daí se deduzem as vogais distintivas portuguesas” (CÂMARA JÚNIOR 2009, p. 41). As vogais em posição tônica podem ser melhor visualizadas, no quadro a seguir.

Quadro 2 - Sistema vocálico do PB na posição tônica

	Anteriores	Central	Posteriores
Altas	/u/		/i/
Médias alta (2º grau)	/ô/		/ê/
Medias baixa (1º grau)	/ó/		/è/
Baixa		/a/	

Fonte: adaptado de CÂMARA JUNIOR, 2011 [1970].

Ainda de acordo com o autor, o que caracteriza a posição átona “[...] é a redução do número de fonemas. Isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois” (CÂMARA JUNIOR, 2011, p. 43). Assim, pode-se dizer que o conjunto de sete vogais que constitui o sistema tônico (/i, e, ε, a, o, u/), sendo alvo do processo de neutralização, não consegue sustenta-se em sílabas átonas.

Desse modo, tem-se três quadros na posição átona no PB, são eles: vogais pretônicas, vogais postônicas dos proparoxítonos ou vogais penúltimas e as vogais átonas finais. (CÂMARA JUNIOR, 2011, p. 44)

Nas posições pretônicas e postônicas não finais há um quadro de geral de cinco fonemas (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/). Na posição átona final, observa-se que o triângulo de sete vogais é reduzido para três vogais, que são /a/, /i/, /u/).

A seguir, através do Quadro 3, é possível observar as vogais em posição pretônica no PB.

Quadro 3 - Sistema vocálico do PB em Posição pretônica

	Anteriores	Central	Posteriores
Altas	/u/		/i/
Medias		/o/	/e/
Baixa		/a/	

Fonte: adaptado de CÂMARA JUNIOR, 2011 [1970].

Para esta pesquisa, serão consideradas as vogais médias que precedem a sílaba tônica, ou seja, as pretônicas que são representadas por /E/ e /O/. No primeiro caso, têm-se as vogais anteriores [e, ε], classificadas como vogais médias alta e baixa, respectivamente. No segundo caso, têm-se as vogais posteriores [o, o], também

classificadas como vogais médias alta e baixa. Desse modo, nota-se que, as vogais, quando em posição pretônica, desaparece a oposição entre 1º e 2º graus. Ou seja, neste contexto, não há oposição entre [e] ~ [ɛ]; ~ [o] ~ [ɔ], reduzindo o quadro de sete vogais em posição tônica para cinco em posição pretônica.

Conforme Teyssier (2007), esse é um dos pontos pelo qual o português do Brasil se diferencia do europeu. Diferentemente do português europeu, o português brasileiro apresenta atualmente um sistema tônico e pretônico parecido com ao da fase arcaica do português.

Assim, nesta posição as vogais estão sujeitas à variação, podendo ocorrer como *médias baixas* [ɛ, ɔ], *médias altas* [e, o] e, também como *altas* [i, u], registradas em palavras como: f[e]rida, f[ɛ]rida, f[i]rida; t[o]mate, t[ɔ]mate, t[u]mate. Neste trabalho, porém, enfatizaram-se apenas o comportamento das vogais médias, em contexto pretônico, considerado:

- (i) A realização fechada da vogal média pretônica - [e] e [o].
 - Exemplos: sereno [se'rẽnu] e torneira [tor'nejra].
- (ii) A realização aberta da vogal média pretônica - [ɛ] e [ɔ].
 - Exemplos: terreno [te'xẽnu] e coração [kɔra'sẽw̃].

2.4 O ESTUDO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PB: O CASO DO FALAR BAIANO

Em momentos distintos dos estudos dialetais, a variação do grau de abertura das vogais médias pretônicas tem sido alvo de análise no português falado no Brasil. Desde 1922, Antenor Nascentes já sugeria uma divisão dialetal dos falares brasileiros, tomando como base a realização dessas vogais.

A partir de então, algumas pesquisas começaram a ser desenvolvidas com o objetivo de descrever o comportamento das vogais médias pretônicas /E/ e /O/, em várias regiões do país, como em: Ribeiropólis – SE (MOTA, 1979), Rio Grande do Sul (BISOL, 1981), Natal (MAIA, 1986), Salvador (SILVA, 1989), Rio de Janeiro (CALLOU; LEITE, 1986 e CALLOU et al, 1997), Belo Horizonte (VIEGAS, 1987), Juiz de Fora (MG) – (CASTRO, 1990), Soares (2004) e Lopes (2013). No entanto, vale salientar que existem outros trabalhos já realizados em outras regiões do Brasil, e os trabalhos desenvolvidos a respeito desse tema não se esgotam nos supracitados aqui.

Para este tópico, serão expostas, de maneira mais detalhada, algumas pesquisas feitas na área do “falar baiano”, sobre o comportamento das vogais pretônicas nessa região.

Primeiramente, destaca-se o estudo feito por Mota (1979) em Ribeirópolis (SE), baseado nos dados do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS). Trata-se de uma dissertação intitulada “Vogais antes de acento em Ribeirópolis – SE”. Nessa pesquisa, a autora observou a fala de indivíduos analfabetos da zona rural da cidade de Ribeirópolis. Foram consideradas, na pesquisa, as variantes - alta, média alta e a média baixa.

Para pesquisa, Mota explica que foram considerados os dados referentes às vogais inacentuadas que antecedem as acentuadas sob dois aspectos:

- a) o morfológico ou morfo-fonológico, que analisa a relação mórfica entre os radicais inacentuados de formas verbais ou de formas sufixais e os radicais acentuados do mesmo verbo ou das formas não sufixais fônica e semanticamente relacionadas. b) o fonético, que examina a relação fônica entre as vogais inacentuadas e os contextos em que se inserem. (MOTA, 1979, p.33)

Ainda em relação ao estudo realizado por Mota, vale ressaltar que a pesquisa foi feita tomando por base a teoria da Fonologia Gerativa Natural. No que tange aos resultados, foi apontada a predominância das variantes abertas.

Tem-se, ainda, a tese de doutorado realizado por Silva (1989) com base no *corpus* do Projeto de Estudo da Norma Linguística Culta - NURC, que teve como objetivo descrever o comportamento das vogais médias pretônicas /E/ e /O/ na fala de indivíduos “cultos” de Salvador (Bahia). Para realização dessa pesquisa, foi analisada a fala de vinte quatro informantes do NURC-Salvador, distribuídos de acordo com os fatores sociais: sexo (homem/mulher), faixa etária (25-35, 36-55, acima de 55) e procedência social (pais com curso superior e pais sem curso superior).

Em relação aos fatores internos estudados (intralinguísticos), a autora considerou: distância da variável dependente em relação à sílaba tônica, ponto de articulação da consoante precedente e seguinte, altura da vogal acentuada, altura da vogal inacentuada da sílaba subsequente, nasalidade da vogal acentuada, nasalidade da vogal inacentuada da sílaba subsequente e o caráter átono da vogal da variável dependente.

Com base nos seus resultados, Silva (1989) estabeleceu dois conjuntos de regras (categóricas e variáveis) e concluiu que as vogais médias pretônicas, no que se refere ao dialeto baiano, parecem estar sujeitas a uma regra variável de harmonia vocálica em que a pretônica assimila o traço de altura da vogal da sílaba seguinte. A regra categórica de timbre (RCT), conforme a autora, é a responsável pelo traço regional que caracteriza o

dialeto baiano como pertencente ao grupo do Norte e o diferencia do falar do Sul, isto é, essa regra representa a predominância das variantes abertas no falar baiano. Para realização desse trabalho, a autora tomou por base os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista Laboviano.

Vale ressaltar ainda, a respeito dessa temática, o trabalho de Cardoso (1986), com base no *corpus* do *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB), que constatou um índice maior das vogais pretônicas baixas [ɛ] e [ɔ] nos dados analisados. A autora conclui que “a presença das vogais médias fechadas em posição pretônica não se define como traço característico da região, mas configura-se como uma variante livre de [ɛ] e [ɔ], que se afiguram como realizações básicas na área” (CARDOSO, 1986, p. 50).

Destaca-se ainda, a dissertação de mestrado de Soares (2004), *As pretônicas em comunidades rurais do Semiárido Baiano*. A autora observou o comportamento das vogais médias nas comunidades rurais - Casinhas, Lagoa do Inácio e Tapera -, municípios localizados no interior da Bahia, pertencentes ao semiárido baiano. Essas comunidades selecionadas possuem formações sócio-históricas distintas, passíveis de diversidade étnica, pois, conforme Soares, há indícios de que a população seja formada por remanescente de quilombo em *Casinhas*, por descendentes de índios em *Tapera* e por mestiços de Brancos de origem portuguesa em *Lagoa do Inácio*.

Para a pesquisa, Soares examinou 36 inquéritos linguísticos, 12 de cada comunidade, nos moldes da teoria variacionista, o que permitiu que a autora correlacionasse as variantes linguísticas e os fatores sociais, como faixa etária, sexo, nível de escolaridade e comunidade de origem.

A partir da análise dos resultados, a autora identificou a predominância das variantes abertas e em relação à origem histórica e étnica das localidades, e chegou à seguinte conclusão:

Outra hipótese investigada foi a possível diferenciação dialetal entre as comunidades, decorrente da formação étnico-social desses povoados. Apesar de relatos da história local apontarem que foram constituídas, inicialmente, por etnias distintas, não foram registradas diferenças no que se refere à realização das pretônicas que, se existiram, foram dissipadas no tempo. (SOARES, 2006, p. 246).

Ainda em relação ao *Falar baiano*, destaca-se a proposta realizada por Zágari (2005), tomando, também, como referência o timbre das vogais médias pretônicas, o autor, divide o estado mineiro em três áreas dialetais (paulista, mineiro e baiano), ao invés

de quadro como propôs Nascentes (1953). Sobre a área do *Falar Baiano*, em Minas Gerais, Zágari (2005) a caracteriza pela predominância das vogais pretônicas baixas.⁶

Por fim, tem-se o trabalho monográfico de Lopes (2013), baseado no *corpus* do Projeto ALiB. Nesse trabalho, o autor procurou investigar o uso variável das vogais médias /E/ e /O/ na língua falada no Estado do Sergipe (Propriá, Aracaju e Estância), a partir dos pressupostos metodológicos da Dialetoлогия e da Sociolinguística Variacionista.

Para a pesquisa, foram considerados 16 informantes, sendo 8 informantes da capital (Aracaju) e 4 de Propriá e Estância, distribuídos pelos dois sexos, por duas faixas etárias, e na capital, por dois graus de escolaridade. Na pesquisa, foram consideradas as respostas previstas no Questionário Fonético-fonológico (QFF) e as válidas do Questionário Semântico Lexical (QSL).

Em relação à análise dos resultados, o autor destacou uma forte tendência para de abertura das vogais [ɛ, ɔ] nas localidades pesquisadas. Constatou-se, também, que os indivíduos mais velhos preferem o uso das variantes abertas, enquanto os mais jovens as variantes fechadas.

A partir da comparação dos trabalhos descritos, percebe-se que a abertura das vogais médias pré-acentuadas é uma tendência para as áreas denominadas por Nascentes (1953) por *Falar Baiano*.

⁶ Zágari (2005) toma como referência outros fenômenos linguísticos, para analisar os falares mineiros, tanto no nível fonético, como lexical.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo é destinado a expor a metodologia empregada em todo o processo de elaboração deste trabalho. Ao longo de cada seção, trataram-se dos aspectos gerais da pesquisa de campo do Projeto ALiB⁷, como escolha da rede pontos, perfil dos informantes, as entrevistas e os questionários, para então expor os processos metodológicos específicos da pesquisa aqui apresentada.

A seguir, trata-se das variáveis em estudo (as dependentes e independentes). Por fim, delineiam-se os procedimentos realizados para a coleta dos dados para a pesquisa em questão.

3.1 O PROCESSO DE ESCOLHA DA REDE DE PONTOS ALiB E AS LOCALIDADES EM ESTUDO

De acordo com Ferreira e Cardoso (1994, p.25-26), antes da escolha da rede de pontos para um estudo dialetal é importante ter o conhecimento da área a ser pesquisada, as autoras ressaltam que é preciso conhecer alguns pontos que são relevantes para pesquisa como: a história da área; o grau de isolamento da área; a antiguidade da região, que definirá a que estágio do processo de povoamento do território se prende; a natureza do desenvolvimento econômico que fornecerá a posição da localidade na região, conceituando-a como mais destacadamente difusora ou receptora de mudança; o estabelecimento de uma rede a ser inquirida na qual se verifique a intensidade de pontos condizentes com a densidade demográfica área, refletindo a equidistância entre eles.

Para este estudo, escolheram-se seis localidades do Estado de Minas Gerais, que integram a rede de pontos do ALiB, a saber: Janaúba, Januária, Pedra Azul, Unaí, Montes Claros e Patos de Minas. Esses municípios, conforme Ribeiro (2012), estão na área do *Falar Baiano* (NASCENTES, 1953).

Minas Gerais é o quarto Estado brasileiro em área territorial e o segundo em números de habitantes, localizado na Região Sudeste do país. Tal Estado limita-se ao sul e sudoeste com São Paulo, a oeste com o Mato Grosso do Sul, a noroeste com Goiás, a norte e nordeste com a Bahia, a leste com o Espírito Santo e a sudeste com o Rio de Janeiro. Esse Estado se caracteriza, também, por ser subdividido em 853 municípios, o que é considerada a maior quantidade dentre os Estados brasileiros, e registra uma densidade demográfica de 33,41 habitantes/Km².

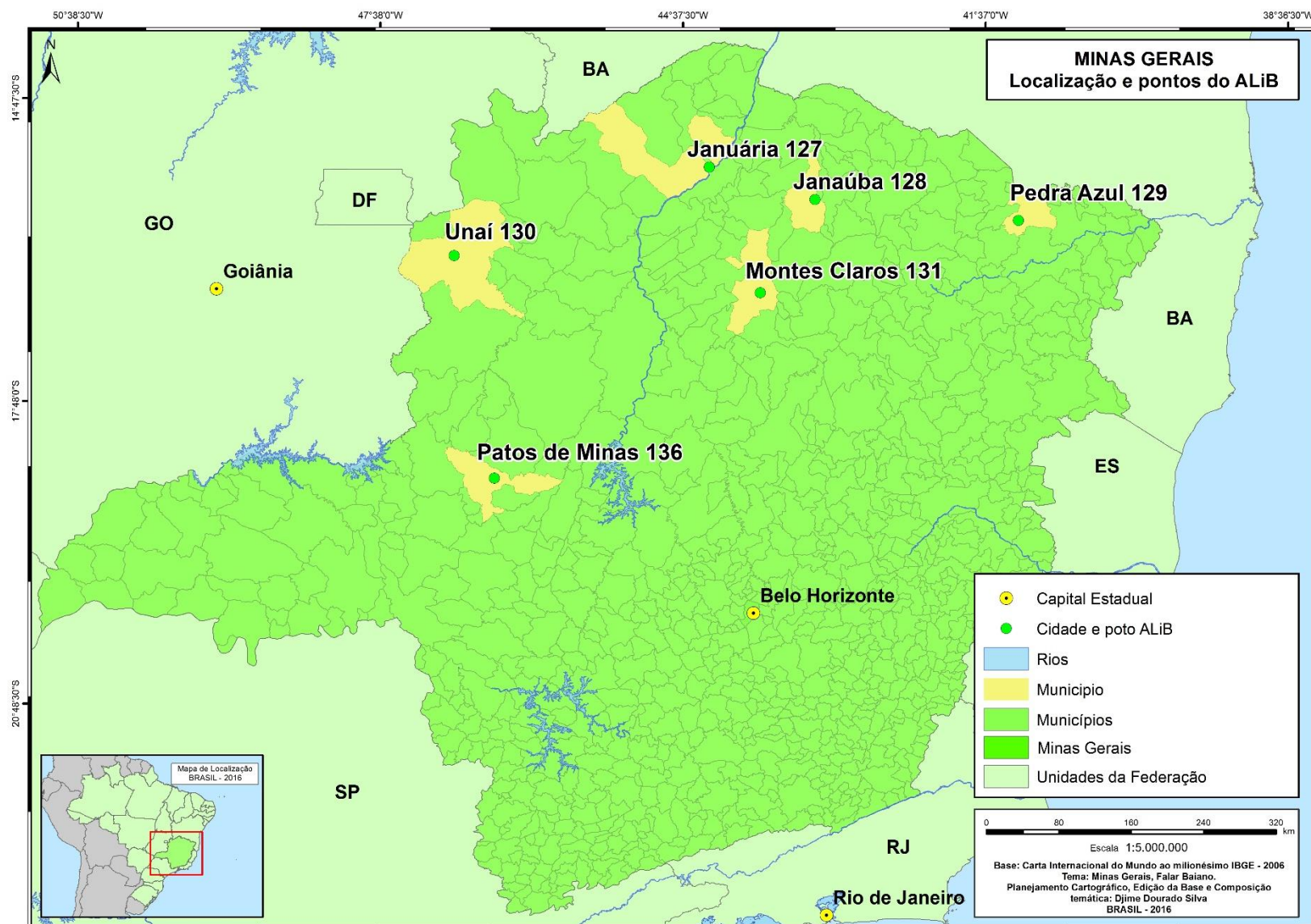
⁷ Os dados que compõem esta pesquisa foram coletados em pesquisa de campo, realizada em etapas anteriores, por meio da aplicação dos Questionários 2001 (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Minas Gerais está dividido em doze mesorregiões, subdivididas em 66 microrregiões. As localidades aqui estudadas estão localizadas em quatro mesorregiões distintas do estado de Minas Gerais:

- Mesorregião Norte de Minas - Janaúba, Januária e Montes Claros
- Mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba – Patos de Minas
- Mesorregião Jequitinhonha – Pedra Azul
- Mesorregião Noroeste de Minas – Unai

Essas informações podem ser melhor visualizadas na Figura 7 adiante.

Figura 7 - Minas Gerais - localidades estudadas e a distribuição por mesorregião



As seis cidades identificadas na figura 7 foram caracterizadas por Ribeiro (2012), como localidades que pertencem áreas do *Falar Baiano* – Minas Gerais. Ribeiro (2012) utiliza duas obras de Nascentes para chegar ao traçado do *Falar Baiano*: os pontos estabelecidos por NASCENTES (1958) para o futuro Atlas do Brasil e a sua proposta de divisão dialetal do Brasil (NASCENTES, 1953).

A seguir, têm-se as principais informações sobre o perfil, de forma concisa, de cada comunidade pesquisada, focando nos aspectos gerais que definem cada município. A pesquisa não trará um estudo exaustivo acerca da história social das comunidades, pois tal empreendimento ultrapassa a proposta deste trabalho monográfico. As informações sobre cada cidade pesquisada foram retiradas no site IBGE cidades e no site das prefeituras dos municípios.

A cidade de *Janaúba* (nome de origem indígena, cujo significado é “planta leitosa”) é a segunda cidade mais populosa do Norte de Minas.

Os primeiros habitantes da localidade foram uma mescla de índios tapuias e negros quilombolas que fugiram do cativeiro e se fixaram no vale do Gorutubá, conhecidos como “gorutubanos”.

Alguns nomes foram importantes para constituição da cidade como: Francisco Barbosa, que, por cerca de 1872, juntamente com sua família, fundava a fazenda na terra de Caatinga Velha, levantando casa ao lado de frondosa gameleira, que deu nome à povoação de Gameleira. Depois vieram Antunino Antunes da Silva, Américo Soares de Oliveira, Jacinto Mendes, Santos Mendes e Mozart Mendes Martins, indivíduos que também contribuíram para a formação e o progresso de Janaúba, estabelecendo-se nas imediações.

O município de *Janaúba* foi criado em 31 de dezembro de 1942 pela Lei n.º 1.058, com o nome de Gameleira, depois, em 27 de dezembro de 1948, recebeu o nome atual – Janaúba.

O município de *Januária*, localizada a beira do rio Médio São Francisco, é a terceira cidade em número de população do Norte de Minas. Sua economia concentra-se na produção da cana-de-açúcar, cereais, algodão e mamona. A existência do porto fluvial determinou, desde cedo, intensa atividade comercial e o desenvolvimento do lugar. O município também é considerado uma cidade universitária.

As terras que deram origem a *Januária* foram inicialmente ocupadas por criadores de gado, vindos do leste superior e do Nordeste, depois foram muitas as bandeiras que devassaram a região. No início do século XVII, os bandeirantes ocuparam o atual Brejo do Amparo, fundando uma aldeia no sítio onde hoje está localizada a igreja denominada Nossa Senhora do Amparo, na região.

Conforme os registros, os dominadores aos poucos foram vencendo as resistências dos índios Caiapós e se aproximando com o correr dos anos, para a beira do São Francisco, surgindo assim, a cidade de Januária.

O município de *Januária* foi criado pela resolução de 30 de junho de 1833, tendo como sede a povoação de Brejo do Amparo. No entanto, o município teve sua sede constantemente mudada, entre Brejo do Amparo e o povoado de Pôrto do Salgado. Contudo, em 13 de agosto de 1884, o município, por efeito da Lei provincial n.º 3.194, passou a se chamar *Januária* e teve sua sede por último revertida a Pôrto do Salgado.

As terras do atual município *Montes Claros*, assim como as de *Januária*, foram povoadas pelos bandeirantes. As informações contam que até a década de 1760, o local era habitado apenas pelos índios Anais e Tapuias. A partir do ano de 1768, uma expedição composta por 12 bandeirantes (Expedição Espinosa), governada por Fernão Dias Pais, desbravou a região à procura de pedras preciosas.

Noticia-se que dois dos bandeirantes, Antônio Gonçalves Figueira e Matias Cardoso de Almeida, abandonaram a expedição e permaneceram na localidade e construíram fazendas, cujas sedes foram crescendo e se transformando em cidades, umas dessas fazendas foi a fazenda de Montes Claros, situada à beira do Rio Verde Grande. Em 13 de outubro de 1831 a comunidade foi elevada à categoria de Vila, recebendo o nome de “Vila de Montes Claros de Formigas”. Depois de comunidade já estar bastante desenvolvida, em 3 de julho de 1857, a vila passou à cidade, recebendo o nome de Montes Claros. Hoje, a cidade tem uma economia baseada na indústria, agricultura e no setor terciário.

Patos de Minas pertence à mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. O processo de colonização da região, assim como as cidades vizinhas, aconteceu na metade do século XVIII, período que antecede à descoberta do ouro nas regiões das minas, com o movimento das entradas e bandeiras.

As informações relatam que o município surgiu na metade do século XIX em torno de uma lagoa que tinha uma quantidade enorme de patos, por isso, o nome da cidade “Patos de Minas”.

A cidade de *Patos de Minas* iniciou-se à beira do rio Paranaíba e seu primeiros habitantes foram lavradores e criadores de gado. O povoado, à beira do rio, cresceu, tornou-se um arraial e depois vila, denominada a de Vila de Santo Antônio dos Patos. Somente em 24 de maio de 1892, o presidente do Estado de Minas Gerais eleva a vila à categoria de cidade de Patos de Minas.

O próximo município, *Pedra Azul*, localizado no nordeste do Estado de Minas Gerais, na região do vale do rio Jequitinhonha, é uma cidade turística e com grande auge histórico cultural. Tem sua economia baseada na pecuária e agricultura.

De acordo com relatos sobre o município, acredita-se que a região de *Pedra Azul* foi primitivamente habitada por índios, pois, ainda é possível encontrar nas pedreiras (na cidade existe muitas pedras de grande porte) das amplas grutas existente no local, desenhos que são atribuídos a esses primitivos moradores. Segundo as informações, esses locais serviram de habitação para esses povos indígenas que viviam na localidade.

A história de povoamento da cidade remonta, também, ao século XVIII, quando o português Manoel Machado, vindo da Bahia, conheceu a propriedade do conde da Ponte, ali chegando, Manoel fundou a fazenda de Carvalhada, onde viveu por muito tempo com sua família.

No entanto, acredita-se que o início do povoamento ocorreu, de fato, no ano de 1833. De acordo com os relatos, ocorreu uma grande queimada na região que durou cerca de 60 dias, recebendo aquele ano o nome de “Ano da fumaça”. Com a queimada, foi possível abrir grandes clareiras na mata, possibilitando os fazendeiros iniciarem a instalação de fazendas na região. Acredita-se, também, que o primeiro nome dado à comunidade se deve a esse fato (nome de Nossa Senhora da Conceição da Boca da Caatinga), pois faz alusão ao surgimento da caatinga nos lugares queimados, onde anteriormente existia a mata atlântica.

A cidade *Pedra Azul* recebeu ao longo de sua história três nomes: Nossa Senhora da Conceição da Boca da Caatinga, distrital de Caatingas e Fortaleza. Apenas em primeiro de junho de 1912, houve a elevação do distrito de Fortaleza a município e, em 1943, o nome da cidade foi alterado para *Pedra Azul*.

Por fim, tem-se a cidade de *Unaí* (topônimo de origem indígena, que significa Águas Escuras), localizada na mesorregião do Noroeste de Minas. A origem da cidade de *Unaí* está diretamente ligada ao município de Paracatu, cidade a qual pertencia essa região. O município *Unaí* nasceu de uma fazenda, que tinha sua sede próxima ao trevo que dá acesso a Paracatu, denominada de Capim Branco.

Em 31 de dezembro de 1943, o povoado de Capim Branco foi emancipado de Paracatu, recebendo o nome do rio que banha a área, *Unaí*.

O município de *Unaí*, assim como a maioria das cidades descritas acima, tem sua população formada por pela mistura de índios, descendentes de portugueses (os chamados

bandeirantes) que percorriam a região em busca de ouro. A economia dessa cidade, também, está baseada na agricultura e na pecuária.

A seguir, no quadro 4, tem-se um resumo com as principais características sociais e geográficas, recentes, das localidades estudadas.

Quadro 4 - Características sociais e geográficas das cidades – Minas Gerais

Mesorregião	Localidade	Fundação	Séc. de povoamento	Economia	Área (km ²)	População
Norte de Minas	Janaúba	31/12/1942	Séc. XVII	Agricultura	2.181,319	66.803
Norte de Minas	Januária	07/10/1860	Séc. XVII	Agricultura e comércio	6.661,667	65.463
Norte de Minas	Montes Claros	03/07/1857	Séc. XVIII	Indústria, agricultura e setor terciário	3.568,941	394.350
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	Patos de Minas	29/02/1868	Séc. XVIII	Agricultura e pecuária	3.190,187	148.762
Jequitinhonha	Pedra Azul	01/06/1912	Séc. XVIII	Agricultura e pecuária	1.594,651	24.683
Noroeste de Minas	Unai	31/12/1943	Séc. XVII	Agricultura e pecuária	8.448,082	82.887

A partir das informações contidas no quadro 4, assim como, na síntese histórica das cidades estudadas, pode-se pontuar as seguintes questões:

- 1) as cidades estudadas foram fundadas nos séculos XIX e XX, embora seus processos de povoamento tenham acontecido durante os séculos XVII e XVIII;
- 2) o setor financeiro das localidades gira em torno da agricultura, pecuária e da indústria;
- 3) a população das cidades é formada por pela mistura de índios com descendentes de portugueses (os chamados bandeirantes), com exceção da Janaúba, pois há a mistura de negros, índios e portugueses.

3.2 A PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi realizada por uma equipe especial inquiridores do ALiB. As entrevistas geralmente são gravadas nas casas dos informantes ou em seus locais de trabalhos. Utilizaram-se, também, lugares públicos como escolas, órgãos administrativos do município ou do Estado. De preferência, optou-se por lugares silenciosos e tranquilos.

A seguir, tem-se um quadro com informações a respeito dos inquéritos realizados nas cidades estudadas.

Quadro 5 - Dados da pesquisa de campo na área estudada - Minas Gerais

Cidades	Ponto ALiB/ inf.	Inquiridor	Inquiridor auxiliar	Data da entrevista
Janaúba	Ponto 128 -1	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	23/01/2009
	Ponto 128 -2	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	23/01/2009
	Ponto 128 -3	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	23/01/2009
	Ponto 128 -4	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	22/01/2009
Januária	Ponto 127-1	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	19/01/2009
	Ponto 127- 2	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	20/01/2009
	Ponto 128- 3	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	19/01/2009
	Ponto 128 - 4	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	20/01/2009
Montes Claros	Ponto 131- 1	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos	20/10/2009
	Ponto 131 - 2	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos	20/10/2009
	Ponto 131 - 3	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos	20/10/2009
	Ponto 131 - 4	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos	19/10/2009
Patos de Minas	Ponto 136 - 1	Vanderci Aguilera	Sem auxiliar	23/01/2009
	Ponto 136 - 2	Vanderci Aguilera	Sem auxiliar	12/01/2009
	Ponto 136 - 3	Greize Silva Poreli	Sem auxiliar	23/01/2009
	Ponto 136 - 4	Greize Silva Poreli	Sem auxiliar	23/01/2009
Pedra Azul	Ponto 129 - 1	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	27/01/2009
	Ponto 129- 2	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	26/01/2009
	Ponto 129 - 3	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	25/01/2009

	Ponto 129 - 4	Silvana Ribeiro	Cláudia Santos e Isamar Neiva	26/01/2009
Unaf	Ponto 130 - 1	Vanderci Aguilera	Sem auxiliar	10/01/2009
	Ponto 130 - 2	Vanderci Aguilera	Sem auxiliar	10/01/2009
	Ponto 130 - 3	Vanderci Aguilera	Sem auxiliar	11/01/2009
	Ponto 130 - 4	Vanderci Aguilera	Sem auxiliar	11/01/2009

Fonte: Ribeiro (2012, p. 52 -53) com adaptações.

3.3 OS INFORMANTES

Sobre a escolha dos informantes, buscaram-se pessoas que: i) fossem nativas das localidades, ii) filhos de pais que também pertencessem à mesma comunidade linguística e iii) não tivessem passado mais de um terço de suas vidas fora ou que tivessem vindo para a cidade com mais de cinco anos de idade. Para pesquisa em questão, foram ouvidos 24 informantes, quatro por localidade, estratificados em dois sexos – homens e mulheres e – duas faixas etárias: faixa I, entre 18 e 30 anos e faixa II, de 50 a 65 anos.

Sobre o perfil dos informantes e sobre os pontos que devem ser considerados na escolha, Ferreira e Cardoso (1994, p. 27) dizem que:

[...] naturalidade, com precisão do local de nascimento; grau de escolaridade; profissão, domicílio e período de permanência em cada um deles; viagens efetuadas e duração de cada uma delas; naturalidade dos pais e do cônjuge; outras atividades que desempenha; estado civil; número e idade dos filhos. A estes se acrescentam outros que, pela natureza da área, precisam ser mantidos sob controle, como os que passam a exigir regiões marcadas pelo contato linguístico e pela existência de grupos bilíngues.

O controle desses pontos em relação à escolha dos informantes é bastante relevante na pesquisa dialetal, pois, além de possibilitar a análise das variáveis sociais, também evita entrevistar indivíduos que tiveram contato com falantes de outras localidades, pois a interação com pessoas de outras comunidades pode interferir na marca sociolinguística da localidade estudada.

Apresenta-se a seguir uma descrição do perfil dos 24 informantes, por localidade, destacando as particularidades de cada um, no quadro a seguir.

Quadro 6 - Características dos informantes

Localidade	Informante	Sexo	Idade	Estado civil	Escolaridade	Profissão
Janaúba	Inf. 01	Homem	28 anos	Solteiro	6º ano do Ensino Fundamental	Funcionário público municipal

	Inf. 02	Mulher	29 anos	Casada	5º ano do Ensino Fundamental	Do lar
	Inf. 03	Homem	50 anos	Casado	3º ano do Ensino Fundamental	Lavrador
	Inf. 04	Mulher	60 anos	Casada	5º ano do Ensino Fundamental	Merendeira
Januária	Inf. 01	Homem	26 anos	Solteiro	8º ano do Ensino Fundamental	Servente de pedreiro
	Inf. 02	Mulher	18 anos	Solteira	8º ano do Ensino Fundamental	Manicure
	Inf. 03	Homem	59 anos	Casado	5º ano do Ensino Fundamental	Lavrador
	Inf. 04	Mulher	51 anos	Casada	7º ano do Ensino Fundamental	Embaladora de aguardente
Montes Claros	Inf. 01	Homem	23 anos	Solteiro	9º ano do Ensino Fundamental	Auxiliar de cozinha
	Inf. 02	Mulher	23 anos	Casada	9º ano do Ensino Fundamental	Vendedora
	Inf. 03	Homem	52 anos	Casado	5º ano do Ensino Fundamental	Funcionário público municipal
	Inf. 04	Mulher	65 anos	Divorciada	3º ano do Ensino Fundamental	Prestadora de serviços gerais
Patos de Minas	Inf. 01	Homem	25 anos	Solteiro	6º ano do Ensino Fundamental	Auxiliar de produção
	Inf. 02	Mulher	28 anos	Casada	8º ano do Ensino Fundamental	Diarista ou serviço gerais
	Inf. 03	Homem	51 anos	Casado	5º ano do Ensino Fundamental	Motoqueiro
	Inf. 04	Mulher	51 anos	Casada	5º ano do Ensino Fundamental	Vendedora de salgados
Pedra Azul	Inf. 01	Homem	21 anos	Solteiro	7º ano do Ensino Fundamental	Lavrador/serviço geral
	Inf. 02	Mulher	25 anos	Casada	8º ano do Ensino Fundamental	Profissão arrumadeira
	Inf. 03	Homem	52 anos	Divorciado	8º ano do Ensino Fundamental	Pedreiro/lavrador

	Inf. 04	Mulher	52 anos	Casada	5º ano do Ensino Fundamental	Funcionária pública municipal
Unaí	Inf. 01	Homem	25 anos	Solteiro	6º ano do Ensino Fundamental	Prestador de serviços gerais
	Inf. 02	Mulher	23 anos	Solteira	6º ano do Ensino Fundamental	Prestadora de serviços gerais
	Inf. 03	Homem	65 anos	Casado	8º ano do Ensino Fundamental	Funcionário público municipal
	Inf. 04	Mulher	67 anos	Casada	5º ano do Ensino Fundamental	Do lar

3.4 OS QUESTIONÁRIOS

Para realização das entrevistas, foram aplicados os *Questionários 2001* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001). Esse material é composto por seis questionários e um texto para leitura. Para este estudo monográfico, foram considerados apenas dois questionários: o Questionário Fonético - Fonológico (com exceção das questões de prosódia) e o Semântico - Lexical.

O Questionário Fonético- Fonológico (QFF) possui 159 questões. Tem como objetivo documentar a variação dos fatos fônicos. Nesse questionário, procura-se que o informante forneça como resposta o termo específico a que se refere a questão. Para estudar o comportamento das vogais médias pretônicas, utilizam-se, por exemplo, as seguintes questões do QFF:

Questão 02 – QFF

INQ. - Onde se constrói uma casa?

INF. - Casa...

INQ. - Precisa tem o quê primeiro?

INF. - A base o alicerce primeiro, né?

INF. - Antes da base, do alicerce, precisa compra o que?

INF. - O material

INQ. - Antes dos materiais, precisa compra o quê?

INF.- comprar o Terreno [te'xẽnu], o lote né?

(Inq. 131/03 (Montes Claros - MG) Inf.: homem, faixa etária 2.)

Questão 30 - QFF

INQ. - como se chama isso aqui, que serve para fazer salada?

INF. - Tomate [tɔ'matɪ]

(Inq. 136/01 (Patos de Minas - MG) Inf.: homem, faixa etária 1.)

A seguir, apresenta-se um quadro, com os itens do QFF que podem ser aplicados na análise das vogais médias pretônicas e que foram considerados para esta pesquisa.

Quadro 7 - Vocábulo obtidos através da aplicação do QFF, considerados na análise

QUESTIONÁRIO FONÉTICO – FONOLÓGICO		
Nº	Perguntas formuladas	Resposta a ser obtida
02	Onde se constrói uma casa? [O que é preciso para construir uma casa] ⁸	Terreno
03	Como se chama aquilo assim (<i>mimica</i>) ⁹ , onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearia etc.?	Prateleira
04	Como se chama aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programa...?	Televisão
06	Como se chama o objeto com que se corta tecido?	Tesoura
08	Como se chama aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?	Travesseiro
12	Como se chama aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?	Torneira
22	A carne de porco não é magra porque tem_____.	Gordura
24	Como se chama aquele objeto que se usa na cozinha para passar (<i>mimica</i>) farinha?	Peneira
25	A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [o que se usa para tomar sopa?]	Colher
27	Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolinhas, como é que se diz que ela está?	Fervendo
29	Como se chama um tempero de comida que quando se está cortando se chora?	Cebola
30	Como se chama aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho de macarrão?	Tomate
36	Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai (<i>mimica</i>) água dentro. [Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai_____ovo]	Botar
37	Qual o contrário de feio?	Bonito

⁸ Conforme as convenções, entre colchetes, figura(m) outra(s) possibilidade(s) de formulação da pergunta, caso o informante não tenha compreendida a formulação anterior. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, p. 5, 2001).

⁹ Em itálico, figuram: remissões a itens anteriores, sugestões de gestos/attitudes que possam facilitar o entendimento da pergunta pelo informante. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, p. 5, 2001).

46	Como se chama o bichinho que voa e tem asas bonitas e coloridas?	Borboleta
49	Como se chama um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (<i>mimica</i>)?	Elefante
52	Quando se faz assim (<i>mimica</i>) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê?	Remando
69	Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?	Desvio
74	Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura o corretor e faz o quê?	Seguro
83	Quem se elege para dirigir uma cidade?	Prefeito
85	O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?	Colegas
87	Como se chama aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?	Borracha
92	Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?	Pernambucano
94	Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?	Correio
97	No futebol, os jogadores que não jogam no ataque onde é que jogam? [Numa luta, quem não está no ataque, está na ____.]	Defesa
101	Que profissional se pode contratar para defender os interesses na justiça?	Advogado
104	Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou o crime, se diz que ele é o que?	Inocente
107	Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?	Procissão
109	Deixar de obedecer as leis de deus é cometer o que?	Pecado
110	Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus?	Perdão
111	Como se chama aquilo que os reis colocam na cabeça (<i>mimica</i>) ?	Coroa
113	Como se chama essa parte? <i>Apontar</i>	Pescoço
119	Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?	Coração
123	Quando alguém cai e arrancar uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê?	Ferida
126	Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que se diz que ela teve?	Desmaio
127	O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?	Vomito
144	O que se põe no corpo para ficar cheiroso?	Perfume
145	Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?	Presente

147	Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um _____? Ou <i>mimica</i>	Sorriso
148	A pessoa que não está acordada, está _____ (mimica)?	Dormindo
149	Como se chama isso? <i>Assobiar</i>	Assobio
150	Quando não se acha uma coisa, ela fica _____?	Perdida
152	Quando se quer saber uma coisa, se vai _____?	Perguntar
159	Quem não está vivo é porque já _____?	Morreu

O Questionário Semântico- Lexical (QSL) abarca 202 questões, subdivididas em catorze campos semânticos. Busca-se, no QSL, que o informante responda a pergunta requerida, mencionando as variantes lexicais que conhece. É importante salientar que, nesse questionário pode-se encontrar mais de uma resposta válida para o fenômeno estudado, por exemplo, na questão 11, pode-se obter as respostas *temporal*, *tempestade* entre outras respostas.

Citam-se, agora, alguns exemplos reais de respostas válidas do QSL:

Questão 08 - QSL

INQ.- ...E aquele clarão que surge no céu em dias de chuva?

INF. - Eh... relâmpago [he'lêpagu]

(Inq. 130/03 (Unai - MG) Inf.: homem, faixa etária 2)

Questão 103- QSL

INQ. - ...esse barulhinho que faz assim (imitou)?

INF. - soluço [so'lusu]

(Inq. 129/03 (Pedra Azul- MG) Inf.: homem, faixa etária 2).

Assim, apesar de o QSL não ter como objetivo principal a identificação dos fenômenos fonético-fonológicos, nele também se pode encontrar vocábulos que servem para observação das vogais médias pretônicas. As palavras que foram consideradas no QSL estão no Quadro 8, no entanto, vale ressaltar que muitas vezes são obtidas respostas nesse questionário, que não são previstas como respostas válidas do ponto de vista do item lexical em análise, mas na perspectiva fônica se aplicam. Tem-se, por exemplo, o item *deficiente* obtido através da questão 91 do QSL.

Quadro 8 - Vocábulos obtidos através da aplicação do QSL, considerados na análise

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO- LEXICAL (QSL)		
Nº	Pergunta formulada	Resposta considerada ou válida
04	Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?	Redemoinho

07	Como se chama o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?	Redemoinho
08	Como se chama o clarão que surge no céu em dias de chuva?	Relâmpago
10	Como se chama o barulho forte que se escuta logo depois de um_____?	Trovão
11	Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente?	Temporal/tempestade
20	De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?	Sereno
21	Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?	Neblina, cerração
34	Quais são os meses do ano?	Fevereiro, setembro, novembro, dezembro
39	Como se chama as frutas menores que a laranja, que se descascam com mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão?	Tangerina, mexerica, pocã.
41	Como se chama umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até adulto e também acalmar? <i>Mostrar</i>	Camomila
43	Como se chama duas bananas que nascem grudadas?	Felipe
44	Como se chama a ponta roxa no cacho da banana?	Coração
54	Como se chama a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro, bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca?	Forquilha
59	Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?	Borrego
83	Como se chama um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?	Varejeira
88	Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? <i>Imitar o zumbido.</i>	Pernilongo Mosquito
91	Como se chama a pessoa que só enxerga com um olho?	Deficiente

102	Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?	Meleca
103	Como se chama este barulhinho que se faz? <i>Soluçar</i>	Soluço
104	Como se chama isto? Apontar	Pescoço
105	Como se chama esta parte alta do pescoço do homem? Apontar	Gogó
107	Como se chama a pessoa que tem o calombo grande nas costas e fica assim (mimica)?	Corcunda
108	Como se chama o mau cheiro embaixo dos braços?	Sovaco
112	Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que ela vai o quê?	Vomitar
114	Como se chama uma pessoa que não tem uma perna?	Cotó, deficiente
115	Como se chama uma pessoa que puxa de uma perna?	Deficiente
118	Como se chama isto? Apontar	Tornozelo
122	Numa certa idade acaba a/o_____ (cf. item 121). Quando isso acontece se diz que a mulher_____.	Menopausa
130	Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse?	Adotado, adotivo
132	Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?	Menino
133	E se for do sexo feminino, como se chama?	Menina
135	Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?	Falecido/defunto
136	Como se chama a pessoa que fala demais?	Conversador, bocudo
138	Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas?	Velhaco, caloteiro
140	Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?	Pistoleiro
142	Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?	Prostituta
151	Como se chama uma mulher que tira mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?	Rezadeira, benzedeira
153	Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas	Medalha

	usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?	
154	No natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?	Presépio
172	Como se chama a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?	Borrvalho
175	Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?	Interruptor, tomada
177	Como se chama a pasta de frutas para passar no pão, biscoito?	Geleia
194	Na cidade, o que costuma ter em cruzamento movimentado, com luz vermelha, verde e amarela?	Semáforo
199	Como se chama a área que é preciso se ter ou comprar para fazer uma casa na cidade?	Terreno
200	Como se chama a condução que leva mais ou menos	Coletivo, lotação
202	Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber_____ (cf. item 182) e onde também se pode comprar uma outra coisa?	Bodega, boteco

3.5 COLETA DOS DADOS E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Para análise dos dados, inicialmente, foi feita a audição dos inquéritos aqui estudados. Após a audição, os dados foram transcritos foneticamente, organizados em tabelas e codificados de maneira que fosse possível observar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que influenciam para que haja a pronúncia aberta ou fechada das vogais médias pretônicas.

Os dados foram analisados quantitativamente com o auxílio do programa *Goldvarb 2001*, o qual consiste na versão para *Windows* do pacote de programas VARBRUL (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). O uso de tal *software* se justifica, dentre outras considerações, segundo Guy e Zilles (2007, p. 107), pois:

[...] o Varbrul contribui para a construção de um modelo matemático dos dados [...] A modelagem matemática nesse tipo é uma das mais poderosas e sofisticadas na estatística; vai muito além do mero objetivo de dizer sim ou não sobre se uma variável influencia outra, para tentar articular vários resultados numa visão geral [...] de como funciona um sistema inteiro.

Assim, pode-se dizer que o programa de análise quantitativa permite um estudo mais confiável, pois possibilita ter uma visão mais ampliada do fenômeno analisado, dando não apenas os resultados em número, mais os fatores são verificados em conjunto, considerando o efeito de um fator sobre o outro.

Os valores obtidos pelo programa foram organizados e analisados, expostos em gráficos e tabelas que serão mostrados no capítulo 4 (análise dos dados).

Para o levantamento dos dados foram levados em consideração alguns critérios de seleção, a seguem expostos:

- 1) as pretônicas orais, registradas ortograficamente como E e O, emitidas como médias, desconsiderando-se as realizações com vogais altas, como “pirigo” , “tunate”, limitando-se ao número máximo de cinco ocorrências de igual realização fonética, da mesma palavra, por informante.
- 2) os vocábulos em que figuram morfemas derivacionais (perneta, caloteiro, por exemplo), à exceção dos que contêm os sufixos de diminutivo e -mente, casos em que, em geral, mantém-se o timbre da vogal tônica do vocábulo primitivo, como em r[ɔ]sinha, caf[ɛ]zinho, f[ɔ]rtemente;
- 3) as formas previstas no QFF (Questionário Fonético- Fonológico) e as válidas no QSL (Questionário Semântico- Lexical);
- 4) as pretônicas nos seguintes contextos: / (C) C V (C)\$/.

Não foram considerados os seguintes casos:

- 1) as pretônicas em posição inicial absoluta, como foi registrado em elétrico, elefante, esquerdo, ovelha, orelha, obrigado;
- 2) os ditongos (feitiço, beijar, soldado, ouvido, outubro), mesmo os monotongados;
- 3) os hiatos (real, geada, mercearia, joelho, moída, amendoim);
- 4) as vogais pretônicas em radicais prefixados (**inter**estadual, **inter**urbano) e/ou em compostos, como em quebra-molas e João-de-barro.

3.6 AS VARIÁVEIS ESTUDADAS

3.6.1 A variável dependente

Consideram-se, neste estudo, duas possibilidades ou duas variantes, para a variável dependente, tanto na série das anteriores, como das posteriores, tendo, portanto, as seguintes variantes para o /E/ e o /O/:

Quadro 9 -Distribuição das variantes para à variável dependente

VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIANTES CONSIDERADAS	
	MÉDIAS-FECHADAS	MÉDIAS-ABERTAS
Vogais médias anteriores	[e]	[ɛ]
Vogais médias posteriores	[o]	[ɔ]

Por variável dependente, entende-se ser o fenômeno em variação, neste caso, a realização fonética das vogais médias pretônicas, /E/ e /O/. Às possibilidades de ocorrências desse fenômeno, dá-se o nome de variantes, como em: *cébola* ~ *cêbola* (vogais anteriores) e *tómate* ~ *tômate* (vogais posteriores).

3.6.2 As variáveis independentes¹⁰

Partindo da concepção de que a pesquisa quantitativa permite medir, com certa confiabilidade, a influência exercida por outros fatores sobre o fenômeno estudado, buscou-se, neste trabalho, verificar a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam na realização diversificada da variável dependente. Neste estudo, foram selecionadas 11 variáveis independentes: oito variáveis linguísticas e três extralinguísticas.

Sobre as variáveis de ordem estrutural, foram consideradas as seguintes:

- i) posição da vogal pretônica na palavra;
- ii) posição da vogal pretônica em relação à tônica;
- iii) constituição da sílaba em que se encontra a vogal pretônica;
- iv) contexto vocálico seguinte: vogal acentuada;
- v) contexto vocálico seguinte: vogal inacentuada;
- vi) contexto consonântico precedente;
- vii) contexto consonântico seguinte;
- viii) número de sílaba da palavra.

As variáveis extralinguísticas consideradas na análise foram as estratificações sociais (sexo e faixa etária) e a diatopia (comunidades de fala a ser estudadas), a saber:

Quadro 10 - Distribuição dos fatores para as variáveis extralinguísticas

VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	FATORES
-----------------------------	---------

¹⁰ Vale ressaltar que, as variáveis independentes aqui estabelecidas foram definidas e elencadas durante o processo de iniciação científica no Projeto ALiB (2012 – 2014). Para este trabalho foram feitas algumas adequações.

Sexo do informante	Masculino Feminino
Faixa etária do informante	Faixa etária I (18- 30 anos) Faixa etária II (50 – 65 anos)
Diatopia	Janaúba Januária Montes Claros Pedra Azul Patos de Minas Unai

4 ANÁLISE DOS DADOS

Apresenta-se, neste capítulo, a análise dos dados. Como dito na descrição metodológica, foram estabelecidos grupos de fatores para investigação estatística do fenômeno estudado: a variável dependente e variáveis independentes. No decorrer do capítulo, será observado o comportamento de cada grupo de fator, ou seja, as interferências das variáveis independentes sobre a regra variável em análise.

Em relação às variáveis linguísticas e extralinguísticas, só serão apresentadas aquelas que foram significativas para o programa de análise quantitativa, o *Goldvarb 2001*. Os grupos de fatores considerados estatisticamente irrelevantes na variação em estudos foram: posição da vogal pretônica na palavra, posição da vogal pretônica em relação à tônica, constituição da sílaba em que se encontra a vogal pretônica.

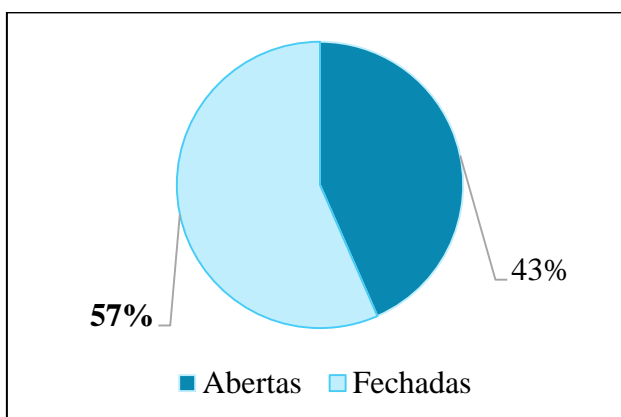
Os valores obtidos por meio do programa foram organizados e analisados e expostos em gráficos e tabelas que serão mostrados durante a apresentação dos resultados, nas próximas seções.

Optou-se por fazer a análise do /E/ e do /O/ separadamente, visto que se tratam de variáveis diferentes e os resultados não foram aproximados em relação à variável dependente.

4.1 ANÁLISE DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS ANTERIORES (/E/) EM MINAS GERAIS, NA ÁREA DO FALAR BAIANO

Para a análise da variável dependente /E/, considerando as seis cidades estudadas, foram registradas, ao total, 890 ocorrências de vogais anteriores, para as quais foram contabilizadas 501 ocorrências para a variante fechada [e] e 384 para a variante aberta [ɛ]. No gráfico, a seguir, mostra-se o resultado geral, em percentual, para cada variante.

Gráfico 1 - Vogais pretônicas anteriores - dados da frequência geral



A partir da análise do gráfico 1, percebe-se que a variante fechada [e] apresentou uma frequência um pouco mais significativa (57%), em relação à aberta [ɛ] com 43%.

A seguir, na Tabela 1, apresenta-se uma comparação entre os dados obtidos para o falar baiano nas cidades mineiras pesquisadas, com outras pesquisas feitas anteriormente sobre as vogais pretônicas na área do *Falar Baiano*. Porém, antes, de apresentar os resultados, é importante ressaltar que, as pesquisas que serão aqui mencionadas foram feitas com metodologias distintas e, consideraram os casos de alteamento [i, u], com exceção do trabalho de Lopes (2013).

Tabela 1 - Comparação das realizações das vogais pretônicas anteriores em área do "falar baiano", em percentuais

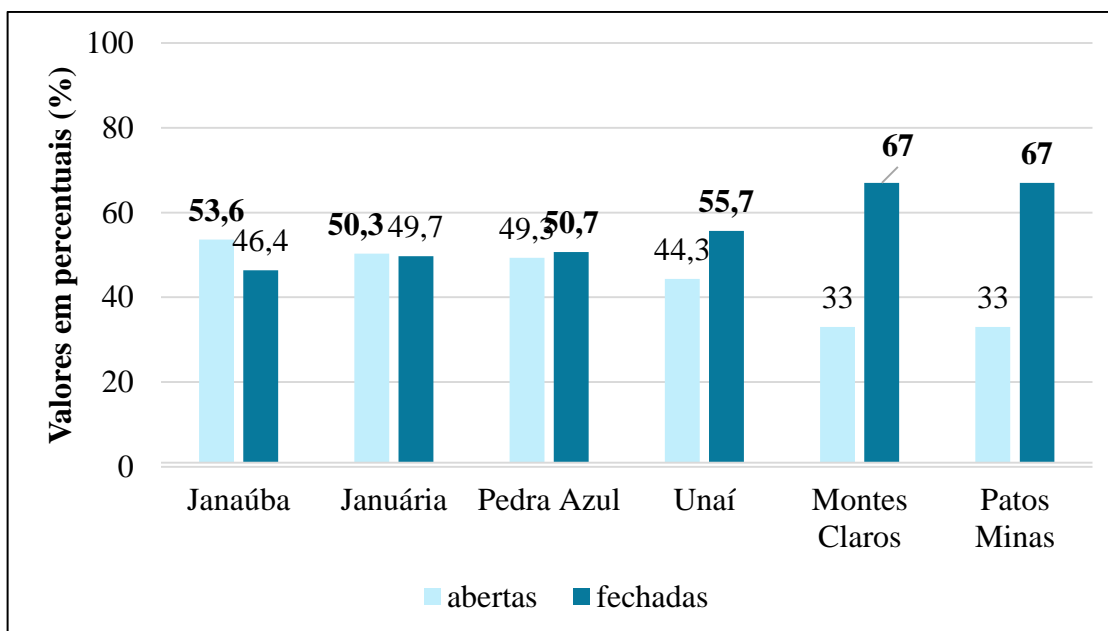
LOCALIDADE/PESQUISADOR	VOGAIS ANTERIORES		
	[ɛ]	[e]	[i]
Ribeirópolis (MOTA, 1979)	48,2%	19,1%	32,7%
APFB e EALMG (CARDOSO, 1986)	69%	16,4%	14,6%
Salvador (Ba) – (SILVA, 1989)	60,3%	19,4%	20,3%
Semiárido Baiano (SOARES, 2006)	53%	25%	22%
Sergipe – ALiB (LOPES, 2013)	62,6%	37,4%	-
Minas Gerais – ALiB (SANTOS, 2016)	43%	57%	-

Diante dos dados apresentados, nota-se que a variante aberta foi a mais predominante nas áreas pesquisadas, com exceção de Minas Gerais, contudo, pode-se notar que, apesar de a variante fechada ser mais produtiva nos dados em análise, não se obteve uma diferença significativa em relação a variante aberta. A diferença foi apenas de 14%.

Outro ponto, que precisa também ser ressaltado em relação às pesquisas feitas na “área do falar baiano” é que, embora os resultados tenham apontado uma maior frequência das vogais abertas, percebe-se que, não houve uma diferença muito expressiva da variante aberta em algumas localidades, como em Ribeirópolis (48,2%) e o Semiárido Baiano (53%). Além disso, é importante também ressaltar que os resultados apontam apenas as frequências, o que não permite trazer uma análise mais cuidadosa do fenômeno na área do *Falar Baiano*, visto que, para isso era necessário se ter dados estatísticos mais precisos.

Para entender melhor como essas variantes estão distribuídas por cada cidade estudada, a seguir, tem-se a distribuição diatópica das variantes, no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Distribuição diatópica das variantes anteriores [e] e [ɛ], na área do falar baiano, em Minas Gerais – dados do Projeto ALiB



Sobre a distribuição diatópica das vogais anteriores, nota-se que, a variante fechada [e] foi mais produtiva na maioria das cidades (Montes Claros, Patos de Minas, Pedra Azul, Unaí), contudo, ela se apresentou um pouco mais significativa nas localidades de Montes Claros (67%) e Patos de Minas (67%). As demais cidades (Pedra Azul e Unaí) obtiveram uma frequência menor em relação a variante fechada, comparadas com Montes Claros e Patos de Minas.

As cidades de Janaúba e Januária tiveram resultados diferentes, pois as duas localidades apresentaram resultados um pouco mais significativos para a variante aberta [ɛ]. É importante destacar que, Januária, Janaúba e Pedra Azul (cidades que apresentaram maior percentual de vogais abertas em relação às demais cidades) são municípios mais próximos do Estado da Bahia, o que, de certa forma, pode ser uma explicação para tal resultado. Os estudos citados anteriormente, que pesquisaram a região da Bahia, mostraram a predominância das vogais abertas na região.

Mesmo sendo a variante fechada a mais produtiva na maioria das cidades, optou-se aqui por analisar a variante aberta [ɛ], pelos seguintes motivos:

- i) Os estudos pertinentes ao *Falar Baiano* mencionados Tabela 1 mostraram ser as variantes abertas as mais produtivas na área pesquisada. Assim, optou-se em analisar as variantes abertas, para averiguar se essa hipótese se aplica em todas as circunstâncias, na área de Minas Gerais selecionada;

- ii) a diferença entre as frequências das duas variantes não teve um alto grau expressividade nas localidades (com exceção das cidades de Montes Claros e Patos de Minas);
- iii) será possível comparar quais grupos de fatores exercem influência para a realização da variante aberta, tanto em relação anterior [ɛ], como a posterior [ɔ], visto que, nas vogais posteriores, diferentemente do resultado das anteriores, obteve-se uma frequência um pouco mais significativa para a variante aberta [ɔ], como será esboçado na seção referente às vogais posteriores.

4.1.1 Análise diatópica da variante [ɛ]

Na tabela a seguir, tem-se o resultado da análise diatópica em peso relativo, para a variante [ɛ].

Tabela 2 - Vogal média anterior [ɛ], segundo a variável diatopia, em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.

Localidades	Aplicação/total	Valores (%)	Peso relativo
Janaúba	76/142	53,6	0.68
Januária	65/129	50,3	0.63
Pedra Azul	77/156	49,3	0.55
Unaí	71/160	44,3	0.60
Montes Claros	45/136	33	0.24
Patos de Minas	55/ 167	33	0.31

Significância 0,003

Conforme os pesos relativos, na Tabela 2, verifica-se que há uma maior probabilidade de ocorrência do [ɛ] nas cidades de Janaúba (0,68), Januária (0,63) e Unaí (0,60). Como já verificado anteriormente na “análise da distribuição diatópica das variantes”, as cidades de Montes Claros e Patos de Minas foram as que obtiveram menor probabilidade de ocorrência da variante aberta, com peso, respectivamente, de 0,24 e 0,31.

4.1.2 Análise das variáveis sociais

A partir desse momento, busca-se verificar os efeitos das variáveis sociais para a variante aberta [ɛ]. Na tabela 3, apresentam-se os resultados para a variável social faixa etária:

Tabela 3 - Vogal média anterior [ɛ] segundo a variável faixa etária, em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.

Idade	Aplicação/total	%	Peso relativo
Faixa etária I	161/425	37,9	0.39
Faixa etária II	228/465	49,0	0.60

Significância 0,003

A partir da leitura da Tabela 3, percebe-se que a variante aberta [ɛ] está mais presente na fala dos indivíduos mais velhos, com peso relativo **0,60**, enquanto os mais novos (faixa I) preferem a variante fechada [e], com peso igual a 0,39. As pesquisas anteriores, como as de Silva (1989) e Lopes (2013), também evidenciaram a preferência dos mais jovens pela variante fechada na área do *Falar Baiano*.

O cruzamento entre faixa etária e diatopia, mostrou-se, estatisticamente relevante, conforme o programa de análise quantitativa, *Goldvarb 2001*. Seguem os resultados do cruzamento entre faixa etária e diatopia:

Tabela 4 - Vogal média anterior [ɛ]: cruzamento faixa etária versus diatopia, em Minas Gerais, na área do *Falar Baiano* - dados do Projeto ALiB.

Cidades	Faixa etária I			Faixa etária II		
	Aplic. / Total	%	P.R	Aplic. / Total	%	P.R
Janaúba	26 /62	42	0.49	50/80	62,6	0.79
Januária	27/64	42,1	0.50	38/65	58,4	0.74
Pedra Azul	42/79	53,1	0.57	35/77	45,4	0.52
Unaí	26/65	40,0	0,54	45/95	47,3	0.66
Montes Claros	15/76	19,8	0,10	30/60	50,0	0.50
Patos de Minas	25/79	31,7	0.26	30/88	34,0	0.36

Significância 0,003

A partir dos valores elencados na Tabela 4, visualiza-se a predominância da variante aberta na fala dos indivíduos mais velhos (faixa II), na maioria das cidades, principalmente em Janaúba (0.79) e Januária (0.74). Nas cidades de Unaí (0,66), Pedra Azul (0,52) e Montes Claros (0,50), houve também a predominância da variante aberta, porém com menor expressividade. No que se refere a Patos de Minas, observa-se uma incidência menor da variante aberta, na fala dos indivíduos faixa II, como também nos da faixa I, mostrando, possivelmente, que a variante fechada é mais utilizada pelas duas faixas etárias analisadas.

A outra variável social analisada é o gênero. A seguir, na Tabela 5, encontram-se os resultados para essa variável.

Tabela 5 - Vogal média anterior [ɛ] segundo a variável gênero, em Minas Gerais, na área do *Falar Baiano* - dados do Projeto ALiB.

Gênero	Aplicação/total	%	Peso relativo (P.R)
Homem	200/401	49,9	0.61
Mulher	189/ 489	38,7	0.40

Significância 0,003

Verifica-se, diante desses valores, que a realização do vogal anterior aberta é mais presente entre os homens do que entre as mulheres. Conforme, os pesos relativos, temos **0,60** de probabilidade de ocorrência da variante na fala dos homens e 0,40 na fala das mulheres.

Por fim, o cruzamento entre o gênero e diatopia não foi considerado estatisticamente relevante para o programa de análise quantitativa.

4.1.3 Análise das variáveis linguísticas

Apresentam-se, agora, os efeitos das variáveis linguísticas sobre a variante aberta [ɛ]. Serão consideradas, aqui, as variáveis linguísticas mais importantes, de acordo com resultados do programa de análise quantitativa, para o estudo em pauta. São elas: contexto vocálico seguinte: vogal acentuada, contexto vocálico seguinte: vogal inacentuada; contexto consonântico antecedente e contexto consonântico seguinte.

4.1.3.1 O contexto vocálico seguinte: vogal acentuada

Conforme os estudos já existentes sobre fenômeno, o contexto vocálico seguinte ou a vogal tônica seguinte tem sido o fator linguístico mais importante, para o estudo do comportamento variável das vogais médias pretônicas. Na Tabela 6, mostra-se o efeito das vogais tônicas seguintes, em relação a variante [ɛ].

Tabela 6 - Vogal média anterior [ɛ] segundo a variável vogal acentuada seguinte, em áreas mineiras do *Falar Baiano* - dados do Projeto ALiB.

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo (P.R)
Vogal alta anterior oral [i] [pɛh'didɐ]	12/81	14,9	0.12
Vogal média alta anterior oral [e] [dɛ'fɛzɐ]	13/ 161	8	0.10
Vogal média baixa anterior oral [ɛ] [prɛ'zɛpiw]	25/36	69,4	0.93
Vogal central baixa [a] [pɛ'kadu]	78/119	65,6	0.96
Vogal média alta posterior oral [o] [sɛ'bolɐ]	4/ 67	6	0.03
Vogal alta posterior oral [u] [sɛ'guru]	4/30	13,3	0.15
Vogal alta anterior nasal [i]	1/3	33,3	0.19

[nɛ'blĩnɐ]			
Vogal média alta anterior nasal [ɛ̃]	96/130	73,9	0.75
[sɛ'tɛbru]			
Vogal baixa nasal [ɐ̃]	119/193	61,7	0.68
[hɛ'lɛpagu]			
Vogal média alta posterior nasal [õ̃]	19/ 31	61,2	0.71
[pɛfni'lõgu]			
Vogal alta posterior nasal [ũ̃]	18/39	46,1	0.37
[pɛh'fũmi]			

Significância 0,003

A partir dos dados apresentados, percebe-se que a vogal tônica favorecedora da variante [ɛ] é a própria vogal média baixa, com peso igual a **0.93**. São exemplos: presépio [prɛ'zɛpiw], geleia [ʒɛ'lɛjɐ], meleca [mɛ'lekɐ].

No campo das vogais orais, outra vogal que influencia a realização aberta da vogal anterior, é a baixa [a], com peso significativo de **0.96**. São exemplos as palavras: veaco [vɛ'aku], pecado [pɛ'kadu].

As vogais nasais [ɛ̃],[õ̃], [ɐ̃] favoreceram também para que houvesse o registro da variante aberta, com pesos de **0.75**, **0.71** e **0.68**, respectivamente. Para exemplificar tais ocorrências, citam-se os vocábulos: dezembro [dɛ'zɛbru], pernilongo [pɛfni'lõgu], perdão [pɛh'dɛw̃].

Verifica-se, também, que a atuação do contexto vocálico acentuado seguinte indica um processo de *harmonia vocálica* do traço aberto favorecido por [ɛ, a] adjacentes, sendo que a abertura se estende para as vogais tônicas nasais ou nasalizadas [ɛ̃, õ̃, ɐ̃,] consecutivas.

O Bisol (1981) foi a primeira a tratar do processo de *harmonia vocálica* em posição pretônica no PB, em termo de análise quantitativa. Conforme a autora, uma vogal alta em posição tônica desencadeia harmonia na pretônica: p[i]pino ~ p[e]pino, p[u]rtuguês ~p[o]rtuguês. No entanto, observa-se em muitos dialetos do Português Brasileiro, que a harmonia vocálica não acontece apenas com vocais altas, é possível ocorrer harmonia vocálica em contexto em que a vogal tônica seguinte é aberta.

Outra explicação, que justificaria a ocorrência de vogal aberta antes das vogais nasais altas [ɛ̃, õ̃], segundo Silva (1987), seria:

Para justificar a presença de vogais [+bx] no contexto de [-alt -bx + nas], isto é, antes de õ ã - còrrente, frèquência, - se pode cogitar uma explicação acústica. [...] Isso vale dizer que õ e tem formantes mais compactos que ô e ê, e, portanto, mais próximos de é e ó. Assim se justificaria, por exemplo, a vogal [+bx] do vocábulo frequência: a vogal ã, mais compacta, seria o contexto assimilatório de é. (SILVA, 1987, p. 131)

Em relação ao não favorecimento da variante aberta, nota-se que as vogais tônicas que não favorecem a abertura da vogal pretônica são a: vogal média alta posterior oral [o], vogal média alta anterior oral [e], vogal alta anterior oral [i], vogal alta posterior oral [u], vogal alta anterior nasal [ĩ] e vogal alta posterior nasal [ũ]. Essas vogais têm sido apontadas como favorecedoras da variante fechada [e].

4.1.3.2 O contexto vocálico seguinte: vogal inacentuada

Agora, analisa-se a vogal seguinte inacentuada (não tônica) e seu efeito na vogal pretônica [ɛ], com base na Tabela 7.

Tabela 7 - Vogal média anterior [ɛ] segundo a vogal seguinte, em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo (P.R)
Vogal alta anterior oral [i] [hedimũ'ĩw̃]	42/87	48,2	0,38
Vogal média alta anterior oral [e] [feve'reru]	0/49 ¹¹	0	---
Vogal média baixa anterior oral [ɛ] [televi'sẽw̃]	20/20	100	---
Vogal central baixa [a] [xeza'derɐ]	10/12	83,3	0.99
Vogal média baixa posterior [ɔ] [menɔ'pawzɐ]	8/20	40	0.34
Vogal baixa nasal [ɛ̃] [pefnẽbu'kẽnu]	15/22	68,1	0.49
Vogal alta posterior nasal [ũ] [pehgũ'ta]	16/19	84,2	0.28

¹¹ Todas as ocorrências favoreceram a variante fechada [e]

Significância 0,003

Conforme os dados anteriormente expostos, nota-se, mais uma vez, mesmo em contexto não tônico, que a vogal pretônica [ɛ] ocorre diante da vogal do mesmo traço. Primeiramente, cita-se o caso categórico da vogal média baixa [ɛ], a exemplo, têm-se as seguintes palavras: televisão [tɛlɛvi'sẽw̃] e redemoinho [xɛdɛmũ'iw̃]. Outra vogal que também influenciou a abertura da vogal anterior é a vogal baixa [a], com peso de **0.99**. Para a vogal [a] registraram-se as seguintes palavras: rezadera [xeza'derɐ], conversador [kõvehza'do].

4.1.3.3 O contexto consonântico precedente

A seguir, busca-se saber se a consoante precedente exerce algum tipo de influência sobre a realização aberta da vogal pretônica anterior. As consoantes encontram-se organizadas de acordo com o modo de articulação, o lugar ou ponto de articulação e o vozeamento. Na Tabela 8, encontram-se os resultados em percentuais e os pesos relativos de aplicação para a variante [ɛ].

Tabela 8 - Vogal média anterior [ɛ] segundo a variável contexto consonântico precedente, em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo (P.R)
Consoante oclusiva bilabial surda [p] [pe'kadu]	129/ 235	54,9	0.66
Consoante alveolar surda [t] [te'xẽnu]	44/ 79	55,6	0.50
Consoante alveolar sonora [d] [des'maiw]	24/ 70	34,2	0.33
Consoante fricativa labiodental surda [f] [feh'vẽdu]	12/51	23,6	0.23
Consoante fricativa labiodental sonora [v] [ve'aku]	13/ 42	31	0.37
Consoante fricativa alveolar surda [s] [se'tẽbru]	23/90	25,6	0.15
Consoante fricativa alveolopalatal sonora [ʒ]	4/27	14,9	0.04

[tʃzɛ'rinɐ]			
Consoante glotal (surda e sonora) [h, ɦ] ¹²	42/90	46,7	0.84
[hɛ'lɐ̃pɑɣu]			
Consoante tepe alveolar [r]	30/ 59	50,9	0.19
[prɛ'sɛ̃tɪ]			
Consoante lateral alveolar [l]	41/64	64	0.82
[kɔlɛ'tivɔ]			
Consoante nasal bilabial [m]	22/45	48,9	0.72
[mɛ'lɛka]			
Consoante nasal alveolar [n]	4/15	26,7	0.11
[nɛ'brɪnɐ]			

Significância 0,003

Diante dos dados obtidos, vê-se que as consoantes fricativas glotais (surda e sonora) [h, ɦ] foram as mais produtivas para aplicação da regra com peso relativo **0.84**. Essas consoantes são observáveis nas seguintes palavras do *corpus*: relâmpago [hɛ'lɐ̃pɑɣu], remando [hɛ'mɛ̃dɔ].

Destaca-se, também, a consoante lateral alveolar [l], com peso **0.82**, e a consoante nasal bilabial [m], com peso **0.72**. Para o primeiro caso, são encontradas as palavras televisão [tɛlɛvi'sɛ̃w̃], coletivo [kɔlɛ'tivɔ] e, no o segundo, têm-se, por exemplo, os vocábulos medalha [mɛ'daλɐ] e meleca [mɛ'lɛka].

E por fim, a consoante oclusiva bilabial surda [p] com o peso de **0.66** e a consoante oclusiva alveolar desvozeada [t] com peso **0.50**. São exemplos para o [p]: pecado [pɛ'kadɔ], perdão [pɛɦ'dɛ̃w̃], são exemplos para [t]: terreno [tɛ'xɛ̃nɔ], televisão [tɛlɛvi'sɛ̃w̃].

A seguir, analise-se o contexto consonântico seguinte à vogal pretônica, observando as mesmas consoantes.

4.1.3.4 Contexto consonântico seguinte

Na Tabela 9, listam-se os resultados para a variante [ɛ], em relação à consoante seguinte.

¹² As vogais fricativas glotais (surda e sonora) foram analisadas como um único fator.

Tabela 9 - Vogal média anterior [ɛ] segundo a variável contexto consonântico seguinte, em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo (P.R)
Consoante oclusiva bilabial sonora [b] [ne'blĩnɐ]	4/32	12,6	0.93
Consoante oclusiva alveolar surda [t] [se'tẽbru]	21/28	75	0.92
Consoante oclusiva alveolar sonora [d] [bẽze'derɐ]	10/ 49	20,4	0.12
Consoante africada palatal sonora [dʲ] [xe'dʲimũ'ĩw¹]	6/14	42,9	0.73
Consoante oclusiva velar surda [k] [pe'kadu]	21/24	87,6	0.27
Consoante oclusiva velar sonora [g] [se'guru]	0/9 ¹³	-	-
Consoante fricativa bilabial surda [f] [le'fẽtu]	22/69	31,9	0.52
Consoante fricativa bilabial sonora [v] [televi'sẽw]	18/53	34	0.50
Consoante fricativa alveolar surda [s] [pes'kosu]	14/76	18,4	0.12
Consoante fricativa alveolar sonora [z] [de'zẽbru]	57/73	78	0.89
Consoante glotal (surda e sonora) [h, fi] [peh'fũmi]	133/204	65,1	0.69
Consoante tepe alveolar [r] [tẽzɛ'rinɐ]	7/69	10,1	0.74
Consoante lateral alveolar [l]	52/77	67,6	0.58

¹³ As nove ocorrências foram favorecendo a variante fechada [e]

[hɛ'lɛ̃pagu]			
Consoante nasal bilabial [m]	5/47	10,7	0.016
[sɛ'maforu]			
Consoante nasal alveolar [n]	9/55	16,3	0.07
[vɛnɛzi'anɐ]			

Significância 0,003

Sobre as consoantes seguintes, os dados mostram que foram significativas para o abaixamento da vogal anterior as seguintes consoantes: a oclusiva bilabial sonora (peso **0.93**), a oclusiva alveolar surda (peso **0.92**), a fricativa alveolar sonora (peso **0.89**), o tepe alveolar (peso **0.74**), a consoante africada palatal sonora (peso **0.73**) e a consoante glotal (surda e sonora) (**0.69**).

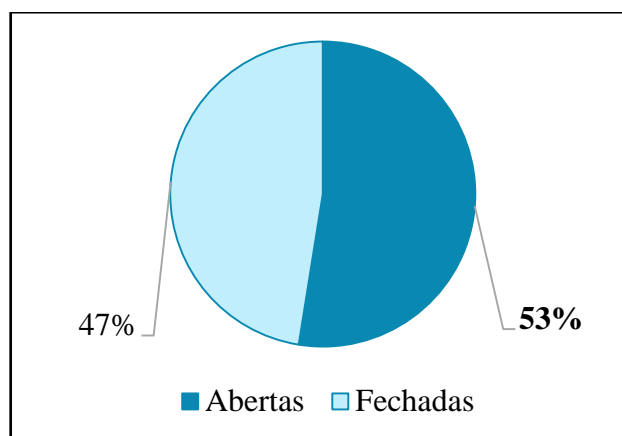
Para exemplificar, seguindo à ordem crescente dos pesos apresentados acima: neblina [nɛ'blĩnɐ] (foram apenas 4 ocorrências); setembro [sɛ'tɛ̃bru], coletivo [kɔlɛ'tivu]; dezembro [dɛ'zɛ̃bru], presente [prɛ'zɛ̃ti]; sereno [sɛ'rɛ̃nu]; redimuinho [xɛdʒimũ'iw'], perdão [pɛ̃dɔ̃w], pernambucano [pɛ̃nɛ̃bu'kɛ̃nu].

Citam-se, ainda a consoante como favorecedora da variante [ɛ], a lateral alveolar com peso 0.58,

4.2 ANÁLISE DAS VOGAIS PRETÔNICAS POSTERIORES (/O/) EM MINAS GERAIS, NA ÁREA DO FALAR BAIANO

Em relação às vogais posteriores [o, ɔ], foram considerados 646 dados, sendo contabilizadas 295 vogais fechadas e 351 abertas. Os valores em percentuais para cada variante se encontram no gráfico 3, a seguir.

Gráfico 3 – Frequência geral de distribuição das vogais pretônicas posteriores, em áreas mineiras do *Falar Baiano* – dados do Projeto ALiB



A partir da leitura do Gráfico 3, nota-se que, diferentemente das vogais anteriores, as vogais posteriores obtiveram uma frequência maior para a variante aberta [ɔ], com 53%, contra 47% para a variante fechada [o]. No entanto, a diferença foi bastante insignificante entre uma variante e outra (6% a mais para a variante aberta).

Assim como foi feito na seção das vogais anteriores, mais uma vez confrontam-se os resultados de pesquisas realizadas na área delimitada como *Falar Baiano*, como se mostra na Tabela 10.

Tabela 10 - Comparação das realizações das vogais pretônicas posteriores em áreas do “falar baiano”, em percentuais

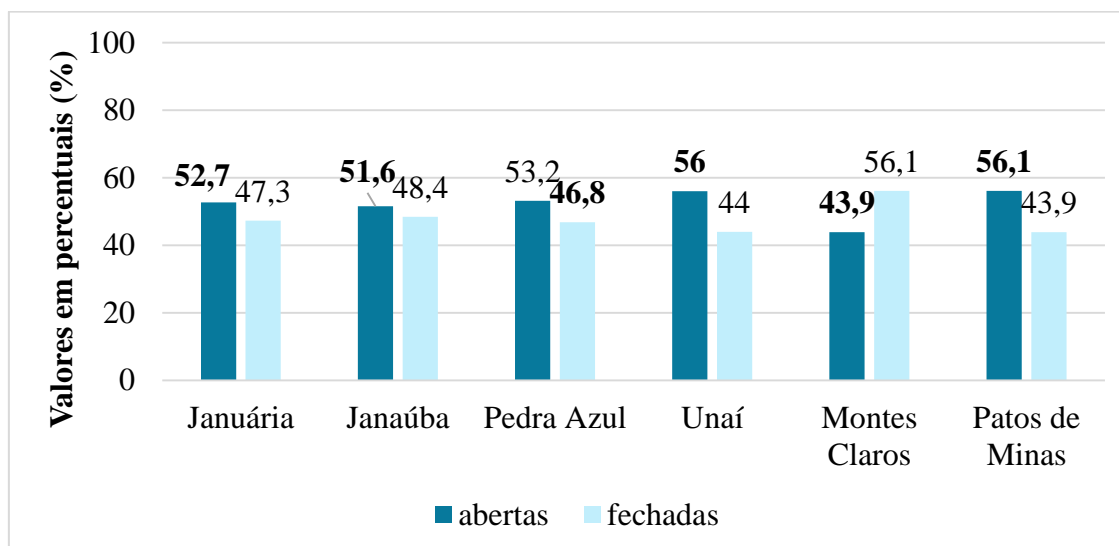
Localidade/pesquisador	Vogais posteriores		
	[ɔ]	[o]	[u]
Ribeirópolis (MOTA, 1979)	34,9%	21,7%	43,4%
APFB e EALMG (CARDOSO, 1986)	50,4%	13,8	35,8%
Salvador (Ba) – (SILVA, 1989)	57,8%	17,3%	24,9%
Semiárido Baiano – (SOARES, 2006)	49%	23%	29%
Sergipe – ALiB – (LOPES, 2013)	54,8%	45,2	-
Minas Gerais – ALiB	53%	47	-

Os resultados das pesquisas reunidas na tabela 10 apontam uma maior frequência da vogal posterior aberta na área do *Falar Baiano*, exceto nos dados de Ribeirópolis – SE.

É relevante ressaltar que os dados de Sergipe (LOPES, 2013) e Minas Gerais, ambos com *corpus* do Projeto ALiB, tiveram valores próximos, o que permite, de certa forma, confirmar as pesquisas já realizadas e ter um panorama do comportamento das vogais médias pretônicas na área do *Falar Baiano*, a partir de um mesmo *corpus* e de uma mesma metodologia.

Agora, analisa-se, a distribuição das variantes, para cada localidade mineira pesquisada, a partir do que se apresenta no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Distribuição diatópica das variantes posteriores na área do falar baiano em Minas Gerais – dados do Projeto ALiB.



Através da distribuição diatópica das vogais posteriores nas cidades em análise, verifica-se que o comportamento em relação ao fenômeno de abertura ou fechamento das vogais posteriores nas localidades estudadas, pode ser considerado intermediário, entre vogais abertas e fechadas, apesar de haver uma maior frequência da variante aberta na maioria das cidades, com exceção de Montes Claros que teve uma maior frequência de vogais fechadas (**56,1**).

4.2.1 Análise diatópica da variante [ɔ]

Verifica-se, agora, a distribuição diatópica para a variante [ɔ], através de índices probabilísticos, que permitem uma visão abrangente dos fatores sobre a regra variável.

Tabela 11 - Vogal média posterior [ɔ] segundo a variável diatopia em Minas Gerais, na área do falar baiano - dados do Projeto ALiB.

Localidades	Aplicação/total	(%)	Peso relativo
Janaúba	50/97	51,6	0,57
Januária	60/114	52,7	0,58
Pedra Azul	58/109	53,2	0,49
Unaí	60/107	56	0,58
Montes Claros	50/114	43,9	0,23
Patos de Minas	73/ 130	56,1	0,55

Significância 0,007

Os pesos relativos elencados na Tabela 11 apontam que a maioria das cidades se comporta de maneira semelhante em relação à variante em análise. As cidades de Januária,

Unai, Janaúba, Patos de Minas e Pedra Azul obtiveram pesos acima de 0.49, no entanto, em nenhuma delas os índices ultrapassaram 0.58. Tais resultados apontam, mais uma vez, que há um comportamento intermediário entre as vogais médias pretônicas abertas e fechadas, na área do *Falar Baiano* (Minas Gerais).

A cidade de Montes Claros, outra vez, mostrou-se diferente dos municípios pesquisados, tendo baixo índice (0,23), no que se refere à variante aberta.

4.2.1 Análise das variáveis sociais

Assim, como feito com a variante anterior (cf. item 4.1.2), busca-se nesse tópico averiguar como se encontra estratificado o fenômeno, levando em conta as variáveis sociais faixa etária e gênero.

Para a variável social faixa etária obtiveram-se os seguintes resultados:

Tabela 12 - Vogal média posterior [ɔ] segundo a variável faixa etária em Minas Gerais, na área do *Falar Baiano* – dados do Projeto ALiB.

Faixa etária	Aplicação/total	%	Peso relativo
Faixa etária I	164/338	48,6	0,38
Faixa etária II	187/333	56,1	0,61

Significância 0,007

Como se deu em relação às vogais anteriores, nas posteriores, percebe-se também, que os falantes da faixa II preferem a variante aberta [ɔ], com peso relativo **0.61**, enquanto os indivíduos mais jovens tendem a usar mais a variante fechada.

Na tabela 13 a seguir, mostra-se a estratificação da variável faixa etária em cada localidade, através do cruzamento entre as variáveis faixa etária e diatopia.

Tabela 13 - vogal média posterior [ɔ] segundo o cruzamento faixa etária versus diatopia, em Minas Gerais, na área do *Falar Baiano* - dados do Projeto ALiB.

Cidades	Faixa etária I			Faixa etária II		
	Aplic./Total	%	P.R	Aplic./Total	%	P.R
Janaúba	23/56	41	0,29	27/41	65,9	0.80
Januária	32/55	58,1	0,71	28/59	47,4	0.48
Pedra Azul	32/53	60,3	0,59	26/56	46,4	0,36
Unai	24/48	50	0,44	36/59	61	0,66
Montes Claros	19/58	32,8	0,09	31/56	55,3	0.62
Patos de Minas	34 /68	50	0,38	39/62	63	0.73

Significância 0,008

A leitura dos valores expostos na tabela 13 mostra a predominância da variante aberta [ɔ] na fala de indivíduos da faixa II em grande parte das cidades pesquisadas, tais como Janaúba (**0.80**), Patos de Minas (**0.73**), Unai (**0.66**) e Montes Claros (**0.62**). Tais resultados podem

indicar um processo de mudança em curso, visto que a pronúncia aberta está mais frequente na fala da geração de maior idade, enquanto os jovens apresentam tendência para o fechamento da vogal posterior.

As cidades de Januária (**0.71**) e Pedra Azul (**0.59**) tiveram um comportamento diferente em relação às posteriores, visto que mais jovens pronunciaram mais a vogal aberta.

Analisa-se, agora, os resultados para variável gênero, observando que, o cruzamento entre gênero e diatopia não será exposto, pois conforme o programa *Goldvarb 2001* não foi relevante para o estudo do fenômeno.

Na Tabela 14, a seguir, têm-se os resultados para a variável gênero.

Tabela 14 - Vogal média [ɔ] segundo a variável gênero, em Minas Gerais, na área do *Falar Baiano*- dados do Projeto ALiB

Gênero	Aplicação/total	%	Peso relativo (P.R)
Homem	175/317	55,2	0,59
Mulher	176/354	49,8	0,41

Significância 0,007

Sobre a variável gênero, observa-se mais uma vez, que os homens apresentam uma certa probabilidade de realizar a vogal aberta (**0.59**), do que as mulheres (0.41). De acordo com Silva (1989), uma das interpretações para esse fato, seria que o traço fechado fosse adquirido de empréstimo aos dialetos sulistas, em decorrência do prestígio econômico, de que goza essa região do país. As mulheres, sendo um grupo carente de prestígio social, seriam mais sensíveis a essa regra.

4.2.3 Análise das variáveis linguísticas

Analisa-se, nessa seção, os efeitos das variáveis linguísticas sobre a variante aberta [ɔ]. Serão considerados para vogais posteriores os mesmos fatores linguísticos abordados no estudo das vogais anteriores. São elas: contexto vocálico seguinte: vogal acentuada; contexto vocálico seguinte: vogal inacentuada; contexto consonântico antecedente e contexto consonântico seguinte.

4.2.3.1 O contexto vocálico seguinte: vogal acentuada

Tabela 15 - Vogal média posterior [ɔ] segundo a variável vogal acentuada seguinte, em Minas Gerais, na área do *Falar Baiano* – dados do Projeto ALiB.

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo (P.R)
Vogal alta anterior [i] [kẽmɔ'milɛ]	28/ 72	38,9	0,59

Vogal média alta anterior [e] [mo'xew]	10/ 159	6,2	0,03
Vogal média baixa anterior [ɛ] [kɔ'legɐs]	42/ 46	91,3	0,33
Vogal central baixa [a] [bɔ'ta]	122/ 150	81,3	0,88
Vogal média baixa posterior [ɔ] [gɔ'gɔ]	27/28	96,4	0,98
¹⁴ Vogal média alta posterior [o] [ko'roɐ]	0/25	---	---
Vogal alta posterior [u] [goɦ'durɐ].	22/ 42	52,3	0,44
Vogal alta anterior nasal [i] [dɔɦ'mĩdu].	3/ 12	25	0,83
Vogal média alta nasal [ẽ] [nɔ'vẽbru]	40/ 44	91	0,97
Vogal central baixa nasal [ɛ̃] [trɔ'vɛ̃w̃],	45/ 76	59,2	0,32
Vogal alta posterior nasal [ũ] [kɔɦ'kũdu]	12/ 17	70,6	0,50

Significância 0,008

Para a variante posterior [ɔ], conforme a Tabela 15, verifica-se que seu favorecimento ocorre quando a vogal tônica seguinte também possui o mesmo traço baixo, como as vogais baixas [ɔ] e [a], que obtiveram peso relativo igual a **0.98 e 0.88**, respectivamente. São exemplos as palavras: gogó [gɔ'gɔ], rotatória [xɔta'tɔriɐ]; bota [bɔ'ta], tomate [tɔ'matʰi].

Sobre a vogal média baixa anterior [ɛ], nota-se que ela obteve uma frequência significativa de **91,3%**, no entanto, obteve um baixo índice em relação ao peso relativo (0,33). Esse, como outros casos, precisam ser melhor observados, em outras rodadas com os dados, pois os pesos não correspondem à realidade. Possivelmente, o que pode ter ocorrido foi algum problema na estruturação dos fatores.

¹⁴ Todos os casos favoreceram a variante fechada [o]

Assim como nas seções anteriores, as vogais nasais também foram favorecedoras. Na seção das posteriores, tem-se a vogal nasal [ẽ], com peso relativo de **0.87**. Tal ocorrência pode ser verificada na seguinte palavra: novembro [nɔ'vẽbrɔ].

A outra vogal nasal que teve forte favorecimento foi a vogal [ĩ], com peso relativo de **0,84**. Contudo, deve-se ressaltar que esse resultado corresponde a apenas três ocorrências da palavra dormindo [dɔh'mĩdɔ].

Registra-se, ainda, a vogal oral [i] com peso de **0.59** e a vogal nasal [ũ], com peso relativo igual a 0.50, encontradas nos seguintes vocábulos: corcunda [kɔh'kũdɔ], camomila [kẽmɔ'milɐ].

4.2.3.2 O contexto vocálico seguinte: vogal inacentuada

Tabela 16 - Vogal média posterior [ɔ] segundo a variável vogal seguinte, em Minas Gerais, na área do *Falar Baiano*- dados do Projeto ALiB.

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo (P.R)
Vogal alta anterior [i] [vomi'ta]	20/ 44	45,4	0,04
Vogal média alta anterior [e] [kɔle'tivɔ]	1/3	33,3	0,00
Vogal média baixa anterior [ɛ] [kɔle'tivɔ]	2/2	100	---
Vogal central baixa [a] [kɔra'sẽw]	42/46	91,3	0,96
Vogal média baixa posterior [ɔ] [mɔɔ'tɔ]	5/5	100	----
¹⁵ Vogal média alta posterior [o] [toɦno'zelɔ]	0/37	----	-----
Vogal alta posterior [u] [bɔɦbu'letɐ]	4/4	100	-----

Significância 0,008

Para as vogais seguintes inacentuadas, registram-se alguns casos categóricos em relação a variante [ɔ], são eles, as vogais médias baixas [ɛ, ɔ], visto que não houve variação nesses

¹⁵ Todos os casos favoreceram a variante fechada [o]

casos. São exemplos: coletivo [kɔlɛ'tivɔ], provocar [prɔvɔ'ka]. Outro caso categórico foi o da vogal [u], no entanto esse resultado se restringe a quatro ocorrências de uma única palavra, borbuleta [bɔfibu'letɐ].

A vogal [a], mais uma vez, mostrou-se significativa para o favorecimento da regra de abaixamento, com peso igual **0.96**. Para essa vogal tem-se o seguinte exemplo: rotatória [xɔta'tɔriɐ].

4.2.3.3 O contexto consonântico precedente

Os percentuais e os pesos relativos de aplicação para pretônica [ɔ], em relação à consoante seguinte encontram-se descritos na Tabela 17, a seguir.

Tabela 17 - Vogal média posterior [ɔ] segundo a variável contexto consonântico precedente em Minas Gerais, na área do *Falar Baiano* - dados do Projeto ALiB.

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo
Consoante oclusiva bilabial surda [p] [tẽpɔ'raw]	6/7	85,8	0.98
Consoante oclusiva bilabial sonora [b] bɔfibu'leta]	42/91	46,1	0.36
Consoante oclusiva alveolar surda [t] [tofɪ'nerɐ]	19/68	28	0.24
Consoante oclusiva alveolar sonora [d] [ado'tadu]	15/36	41,7	0.13
Consoante oclusiva velar surda [k] [kɔ'ka]	89/152	58,6	0.85
Consoante oclusiva velar sonora [g] [gɔ'gɔ]	18/24	75	0.04
Consoante fricativa bilabial sonora [v] [adʲivɔ'gadɔ]	27/37	73	0.05
Consoante fricativa alveolar surda [s] [sɔ'xizɔ]	17/51	33,3	0.17
Consoante glotal (surda e sonora) [h, f] [hɔta'tɔriɐ]	8/9	88,9	0.007

Consoante tepe alveolar [r] [prɔstʰi'tutɐ]	23/56	41	0.83
Consoante lateral alveolar [l] [lɔta'sẽw̃]	12/16	75	0.13
Consoante nasal bilabial [m] [kẽmɔ'milɐ].	14/41	34,1	0.60
Consoante nasal alveolar [n] [nɔ'vẽbru]	61/83	73,4	0.80

Significância 0,008

Para este grupo, inicialmente, destaca-se a consoante [p], para a qual se obteve um peso igual a **0.98**, observável na seguinte palavra do *corpus* em análise: temporal [tẽpɔ'raw].

Outros contextos favorecedores são: a consoante [k], com peso de **0.85**, a consoante [r], peso igual **0.83**, e as consoantes [n] e [m], com peso igual a **0.80** e **0.60**, respectivamente. Para ilustração, põem-se os seguintes exemplos, na ordem citada acima: [k] – cocar [kɔ'ka], corcunda [kɔh'kũdɐ]; [r]- procissão [prɔsi'sẽw̃], morotó [mɔrɔ'tɔ]; [n] – novembro [nɔ'vẽbru], menopausa [menɔ'pawzɐ]; [m] - camomila [kẽmɔ'milɐ].

4.2.3.4 O Contexto consonântico seguinte

Em relação às consoantes seguintes, foram encontrados os seguintes resultados, expostos na Tabela 18.

Tabela 18 - Vogal média posterior [ɔ] segundo a variável contexto consonântico seguinte em Minas Gerais, na área do *Falar Baiano* – dados do Projeto ALiB.

Fatores	Aplicação/total	%	Peso relativo
Consoante oclusiva bilabial surda [p] [menɔ'pawzɐ]	21/21	100	----
¹⁶ Consoante oclusiva bilabial sonora [b] [aso'biw]	0/3	----	-----
Consoante alveolar surdo [t] [lɔta'sẽw̃]	51/ 61	83,7	0,77
Consoante palatal surda [tʰ] [ado'tʰivu]	5/12	41,7	0,73
Consoante oclusiva alveolar sonora [d] ¹⁷ [xodovi'aria]	0/1	---	----

¹⁶ Todos os casos favoreceram a variante fechada [o]

¹⁷ Houve apenas uma ocorrência da palavra rodoviária, favorecendo a variante fechada [o]

Consoante oclusiva velar surda [k] [prɔvɔ'ka]	8/8	100	----
Consoante oclusiva velar [g] [adivɔ'gadu]	41/42	97,7	0,99
Consoante fricativa bilabial sonora [v] [nɔ'vẽbru]	25/ 48	52,0	0,06
Consoante fricativa alveolar surda [s] [prɔsi'sẽw]	37/ 56	66	0,38
Consoante fricativa alveolar sonora [z] ¹⁸ [tofino'zelu]	0/18	-----	-----
Consoante fricativa glotal (surda e sonora) [h fi] [bɔ'ɦbɔ'letɐ]	33/ 190	17,3	0,31
Consoante tepe alveolar [r] [kɔra'sẽw]	29/ 58	50	0,01
Consoante lateral palatal [ʎ] ¹⁹ [ko'ʎɛ]	0/4	---	----
Consoante lateral alveolar [l] [kɔɛ'tʃivu]	61/91	67	0,93
Consoante nasal bilabial [m] [tɔ'mati]	31/ 45	68,9	0,69
Consoante nasal alveolar [n] [bɔ'n'itu]	8/11	72,8	0.83

Significância 0,008

Como se percebe na Tabela 18, alguns contextos foram categóricos, são eles: a consoante oclusiva bilabial surda [p] - menopausa [menɔ'pawzɐ] e a consoante oclusiva velar [k] - provocar [prɔvɔ'ka].

¹⁸ Todos os contextos favoreceram a variante a variante fechada [o]

¹⁹ Tiveram 4 ocorrências do vocábulo colher, favorecendo a variante fechada [o]

Destacam-se, ainda, a consoante oclusiva velar sonora [g] e a consoante lateral alveolar [l], com peso relativo 0.99 e 0.93, respectivamente. São exemplos: gogó [gɔ'gɔ], colega [kɔ'legə].

Com um peso um pouco menor, tiveram relevância a consoante oclusiva alveolar surda [t], a oclusiva palatal surda [tʃ], consoante nasal alveolar [n] e a consoante nasal bilabial [m]. Com pesos de 0,77, 0,73, 0,83 e 0,69, respectivamente. Por exemplo, a partir da ordem citada, têm-se os vocábulos: botar [bɔ'ta], adotivo [ado'tʃivʊ] e bonita [bɔ'nʃitɐ], camomila [kɛmɔ'milɐ].

Finalizadas as ponderações feitas acerca dos dados, apresentam-se as considerações finais deste estudo monográfico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das vogais médias pretônicas em Minas Gerais, na área do “falar baiano”, a partir dos dados ALiB, possibilitou trazer algumas considerações iniciais. Primeiramente, observa-se que as vogais médias pretônicas anteriores e posteriores tiveram resultados diferentes quanto à variável em análise. Constatou-se que, em relação às anteriores [e, ε] houve uma maior frequência da variante fechada [e], com 57%. No que tange às posteriores [o, ɔ], predominou a variante aberta [ɔ], com 53%.

Assim, em relação à análise das variáveis dependentes, levando também, em consideração os estudos realizados na área do *Falar Baiano*, chega-se às seguintes conclusões:

- i) embora se tenham resultados diferenciados para duas variáveis dependentes em análise, nota-se que não houve diferenças muito altas entre vogais abertas e fechadas em nenhuma das variáveis – anteriores e posteriores. Obteve-se uma diferença de 14% para anteriores (favorecendo a variante fechada) e de 6% para as posteriores (favorecendo a variante aberta), o que permite, de certa forma, dizer que há um comportamento intermediário entre as vogais médias pretônicas abertas e fechadas, na área do Falar Baiano, em Minas Gerais.
- ii) Diatopicamente, os dados revelam que as cidades de *Montes Claros* e *Patos de Minas* foram os municípios mais divergentes em relação aos demais, visto que, neles se encontrou uma frequência maior da variante fechada, principalmente a cidade de Montes Claros que obteve uma frequência mais significativa para vogais fechadas, tanto na série das anteriores como das posteriores. Uma possível explicação seria o fato desses municípios estarem mais afastados da zona de fronteira com região da Bahia (área onde se constatou a predominância das vogais abertas, de acordo com os trabalhos previamente citados).
- iii) Considerando que o *Falar Baiano*, conforme Nascentes (1953) se caracteriza como “intermediário entre os dois grupos”, isto é, Norte e Sul, é possível, não de maneira definitiva, considerar que as seis cidades pesquisadas se inserem no grupo do *Falar Baiano*, pois a análise dos dados mostrou que não há uma diferença discrepante entre vogais pretônicas abertas e fechadas. Ainda há um equilíbrio entre as duas variantes.

Sobre a variação diageracional, os resultados apontam, de forma geral, que os jovens apresentam tendência para o fechamento das vogais pretônicas, enquanto os de geração mais velha preferem o uso das vogais abertas, o que pode resultar em um processo de mudança em

curso. Tal resultado foi confirmando através do cruzamento entre faixa etária e diatopia, em que se pôde verificar que, na maioria das cidades estudadas, os jovens tiveram uma menor expressividade para a variante fechada.

Quanto à variação diagenérica, observou-se que, os homens utilizam mais as variantes médias baixas [ɛ, ɔ] do que as mulheres. Tal resultado confirma o que já havia observado Silva (1989), quando estudou as pretônicas no *Falar Baiano*, que as mulheres eram mais sensíveis à regra de fechamento das vogais. Conforme a referida autora, o uso das variantes fechadas pelas mulheres são empréstimos tomados aos dialetos sulistas, visto que há um certo prestígio atribuído às vogais fechadas dos sulistas.

No que tange à variável linguística vogal acentuada seguinte, os resultados revelam que essa variável é bastante relevante para determinar o traço aberto ou fechado das vogais pretônicas. Na série das anteriores, as vogais tônicas que contribuíram para a abertura da vogal média foram a própria vogal média baixa anterior oral [ɛ] e a vogal baixa [a]; para o grupo das posteriores, a variante [ɔ] teve influência também da própria vogal posterior aberta [ɔ] e da vogal baixa [a]. A análise dos dados, permitiu verificar, também, que as variantes fechadas [e, o] foram favorecidas pelas vogais de mesma altura.

Desse modo, nota-se que as variantes das vogais médias estão em distribuição complementar, pois as vogais pretônicas médias altas ocorrem diante de vogais da mesma altura, assim como, as vogais médias baixas.

Observou-se, também, que as vogais nasais atuam para o favorecimento do traço mais aberto das vogais pretônicas, principalmente as vogais [ẽ, õ, ẽ,], em relação à variante anterior [ɛ], e as vogais nasais [ẽ], [ũ], [ĩ] para a variante posterior [ɔ].

O estudo da variável vogal seguinte inacentuada ou átona confirma, de certa forma, que são as vogais de mesma altura e as vogais nasais que atuam como condicionadoras para traço mais aberto. Para a variante [ɛ], as vogais átonas que foram significativas foram [ɛ, a], e para a variante [ɔ] foram as vogais orais [ɛ, ɔ, a] e as nasais [ẽ, ĩ].

Sobre o grupo das consoantes precedentes, manifestaram-se como influenciadoras para a variante anterior [ɛ], as consoantes fricativas glotais [ɦ, h] (surda e sonora), a consoante oclusiva alveolar surda [t] e a lateral alveolares [l], as bilabiais [p, m]. Para a variante [ɔ], foram favorecedoras para abaixamento as seguintes consoantes: as bilabiais [p, m] e as alveolares [r, k, n]. Quanto ao grupo das vogais seguintes, foi possível identificar que contexto

consonântico favorecedor para a variante [ɛ] foi a bilabial [b], a glotal [h] e as alveolares [t, d, z, r]. Para a variante [ɔ], tem-se a consoante bilabial [p], as alveolares [t, l, n] e as velares [k, g]. A partir da análise dos contextos consonânticos, pressupõe-se que, a variante [ɛ] é favorecida diante de consoantes bilabiais, glotais e alveolares; e a variante [ɔ], diante das alveolares, bilabiais e velares.

É importante ressaltar que, os resultados aqui expostos são preliminares. O *corpus* foi limitado e restringiu-se a poucos vocábulos do QFF e QSL, para se tomar conclusões definitivas em relação ao estudo das vogais médias no *Falar Baiano* – Minas Gerais. Por isso, é necessário ampliar mais *corpus*, levando em consideração outros questionários do ALiB. Contudo, apesar do número pequeno de dados, este estudo trouxe algumas considerações iniciais a respeito da regra variável em estudo, que ajudaram a compreender melhor alguns aspectos em torno do nível fonético-fonológico da língua portuguesa no Brasil, na área do *Falar Baiano*, em Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955.
- BARBADINHO NETO, Raimundo (Org). **Estudos filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. V.I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa).
- BISOL, Leda. **Harmonização vocálica, uma regra variável**. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1981.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 42.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 [1970].
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005.
- CARDOSO, Suzana Alice. Tinha Nascentes razão? **Revista Estudos linguísticos e literários**, Salvador: UFBA, n. 5, 1986.
- CASTRO, Elzimar C. de. **As pretônicas na variedade mineira de Juiz de Fora**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- CALLOU, Dinah. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. **Revista Estudos linguísticos e literários**, Salvador: UFBA, n. 41, 2010.
- CALLOU, Dinah. LEITE, Yonne. As vogais no falar carioca. In: **Estudos Linguísticos e literários**. Salvador: UFBA, n. 5, p. 151-162, dez. 1986.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionários 2001. Londrina: Editora UEL, 2001.
- CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE JANÁUBA. Disponível em: <<http://www.janauba.mg.gov.br/cidade/historia>>. Acesso em: 20, julho, 2016.
- CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE JANUÁRIA. Disponível em: <<http://januaria.mg.gov.br/a-historia/>>. Acesso em 20, de julho, 2016.
- CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE MONTES CLAROS. Disponível em: <<http://www.montesclaros.mg.gov.br/cidade/aspectosgerais/historia.htm>> acesso em 20, de julho de 2016.
- CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE PATOS DE MINAS. Disponível em: <<http://www.patosdeminas.mg.gov.br/acidade/historia.php>>. Acesso em: 22 de julho de 2016.
- CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE UNAÍ. Disponível em: <<http://www.prefeituraunai.mg.gov.br/pmu/index.php/nossa-historia.html>>. Acesso em: 23 de julho de 2016.

CONTEXTO HISTÓRICO DA CIDADE DE PEDRA AZUL. Disponível em: <<http://www.pedraazul.mg.gov.br/pagina/historia-do-municipio>>. Acesso em: 22 de julho de 2016.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A Dialetoologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Manuela Barros; CARRILHO, Ernestina; LOBO, Maria; SARAMAGO, João; CRUZ, Luísa Segura. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos A. M. **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, S.A., 1996

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura do Sergipe, 1987.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

INFORMAÇÕES SOBRE MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso em 10 de julho de 2016.

LABOV, Willian. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].

LOPES, Paulo Henrique. **Pretônicas na língua falada em Sergipe: dados do Projeto ALiB**. p. 101. 2013. Monografia (Graduação em Letras Vernáculas) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MAIA, Vera Lúcia M. Vogais pretônicas médias na fala de Natal. In: **Estudos linguísticos e literários**. Salvador: UFBA, n.5, p.209 -225, dez. de 1986.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2010. p 11.

MOTA, Jacyra Andrade. **Vogais antes de acento em Ribeirópolis (Sergipe)**. 1979. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). **Documentos 2**. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. **Divisão dialectológica do território brasileiro**. Revista Brasileira, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr/jun., 1955.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RIBEIRO, Silvana S. C. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano**. 2012. 752p. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen; TAGLIAMONTE, Sali. **GOLDVARB 2001: A Multivariate Analysis Application for Windows**. Nova York: Department of Language and Linguistic Science University of York, 2001.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

ROSSI, Nelson. Dialectologia. In: **Enciclopédia Mirador Internacional**. Rio de Janeiro: enciclopédia Britânica do Brasil, p. 3298, 1974.

SILVA, Myrian Barbosa da. **As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador**. 1989. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA-CORVALÁN, Carmem. **Sociolingüística: teoría y analisis**. Madrid: Alhambra, 1988.

SOARES, Adriana de Santana Pinheiro. As pretônicas médias em comunidades rurais do semiárido baiano. In: **A cor das Letras: Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana - n.VII, Feira de Santana- UEFS**, 2006.

SOARES, Adriana. S. **As pretônicas médias em comunidades rurais do semi-árido Baiano**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística Histórica) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2004.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Trad. Celso Cunha. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEINREICH, Uriel; LAVOB, Willian; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

VIEGAS, Maria do Carmo. **Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. Dissertação de mestrado. Faculdade de letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1987.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A Geolingüística no Brasil**. Trilhas seguidas, caminhos a perseguir. Londrina: Editora da UEL, 2005. p. 43-72.